



ANUÁRIO

2012 • 2013

ÚLTIMA OPORTUNIDADE!

**Garanta sua revista
em mãos em 2013!**

RECADASTRE-SE!

Saiba como na página 6!



DUPONT PROGRAMA TOMATE. PREVENIR É ALIMENTAR MAIS.

**DuPont[™]
Equation[®]**
fungicida

**DuPont[™]
Curzate[®] BR**
fungicida

**DuPont[™]
Midas[®] BR**
fungicida

**DuPont[™]
Kocide[®] WDG**
fungicida

Manzate® WG
fungicida

**DuPont®
Rumo® WG**
Inseticida

**DuPont®
Premio®**
Inseticida

**DuPont®
Lannate® BR**
Inseticida



Juntos, podemos alimentar o mundo. A DuPont acredita que as respostas para os maiores desafios enfrentados pela humanidade podem ser encontradas através do trabalho em conjunto com universidades, governos, empresas e organizações. Assim, podemos levar ao campo produtos que ajudam no incremento da produtividade, suprindo as necessidades de uma população que não para de crescer.

ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por crianças de idade. **CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.** Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto. Manzate® WG é produzido pela United Phosphorus Limited e distribuído pela DuPont do Brasil S.A. Copyright © 2012 - DuPont. Todos os direitos reservados. A marca DuPont®, o logo Oval DuPont®, Equantion®, Curzate®, Midas®, Kocide®, Premio®, Lannate® e Rumo® são marcas registradas da E.I. du Pont de Nemours and Company e/ou suas afiliadas. *Kocide® WDG: marca registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) como Kocide® WDG Bioactive.



Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br

A Hortifruti Brasil reuniu

Nossa equipe está preparada para avaliar as principais tendências do mercado hortifrutícola.

Pesquisadores



Margarete Boteon



*João Paulo
Bernardes Deleo*



Mayra Monteiro Viana



Renata Pozelli Sabio



Letícia Julião



Larissa Gui Pagliuca

Analistas de mercado de hortaliças



*Isadora do Nascimento
Palhares*



*Rodrigo Moreira
Ramos*



*Marcella Benetti
Ventura*



*Fabrício Quinalia
Zagati*



*Stephanie Suarez
Campoli*

um grande time para 2013

Analistas de mercado de frutas



Caroline Ochiuse Lorenzi



Guilherme Ramalho dos Santos



Aline Fernanda Soares



Isabella Lourencini



Amanda Jéssica da Silva



Ana Beatriz Fernandes Barboza



Marta Berto Campos



Ednaldo Alexandre Borgato



Karina Yukie Shinoda

Comunicação



Daiana Braga



Ana Paula Silva Ponchio



Alessandra da Paz



Flávia Gutierrez

ASSINANTE:

CONTINUE RECEBENDO A REVISTA HORTIFRUTI BRASIL!

A **Hortifruti Brasil** está realizando o recadastramento de todos os assinantes a fim de se garantir o envio da revista todo mês. **Todos os leitores cadastrados até agosto de 2012 deverão renovar seu cadastro.** Para isso, basta preencher a ficha abaixo e enviar para nós através de correio, fax, e-mail ou telefone. No ato do recadastramento, é imprescindível que você nos forneça o **Código de Assinante**, que está junto com seu nome na etiqueta de endereçamento.

ENTRE EM CONTATO CONOSCO E FAÇA SEU RECADASTRAMENTO!



Telefone

19 3429.8808



Correio

Avenida Centenário, 1080
Piracicaba/SP - CEP: 13416-000



e-mail

hfcepa@usp.br



FAX

19 3429.8829

**TENHA O SEU
CÓDIGO DE ASSINANTE
EM MÃOS!**

O recadastramento só será possível mediante o Código de Assinante.

O Código de Assinante está anexado junto à etiqueta de endereço.

XXXX-

Nome completo

Endereço

Cidade/Estado - CEP: XX.XXX-XXX

ATENÇÃO:

O PRAZO PARA RECADASTRAMENTO É ATÉ 15/12/2012*

* O assinante que não efetuar seu recadastramento após 15/12/2012, a Hortifruti Brasil cancelará automaticamente o envio da revista.

Hortifruti

RECADASTRAMENTO 2012 HORTIFRUTI BRASIL

Leitor, assinale uma das alternativas abaixo:



- Quero continuar a receber a Hortifruti Brasil no mesmo endereço.
- Quero continuar a receber a Hortifruti Brasil, mas no endereço abaixo.
- Não quero mais receber a Hortifruti Brasil.

O recadastramento é necessário também para o assinante que quiser manter seu endereço.

CÓDIGO DO ASSINANTE Nº:

Nome Completo: Data de nascimento: ___/___/___

Endereço: Cidade/Estado:

CEP: E-mail: Telefone: []

Perfil

- Produtor Atacadista Exportador Consultor Professor/Pesquisador Estudante
- Empresa de insumos Varejista Eng. Agrônomo Outro _____

Trabalha/produz algum HF? Se sim, qual?

- Banana Batata Cebola Cenoura Citros Folhosas Maçã Mamão Manga
- Melão Tomate Uva Outro _____

Se produtor, informe sua escala de produção: Pequeno produtor Médio produtor Grande Produtor

Grau de escolaridade: Básico 1º Grau 2º Grau Superior Técnico

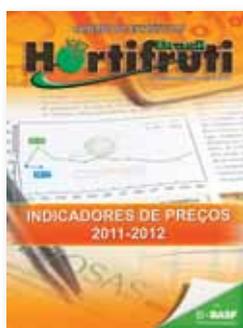
ÍNDICE

ANUÁRIO



Traçamos a retrospectiva de 2012 e as principais projeções econômicas das frutas e hortaliças para 2013. Confira nesta edição!

CADERNO DE ESTATÍSTICAS



Confirma os preços de 2011 e 2012 dos 11 produtos analisados pela **Hortifruti Brasil** detalhados por mês, nível e região.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão *on-line* da **Hortifruti Brasil** no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

 www.hortifrutibrasil.blogspot.com

 www.twitter.com/hfbrasil

SEÇÕES

CEBOLA	18
TOMATE	22
CENOURA	28
BATATA	30
FOLHOSAS	34
MELÃO	36
CITROS	38
MAÇÃ	44
MANGA	46
MAMÃO	48
BANANA	50
UVA	52

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico: Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos: João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Gui Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva: Daiana Braga - MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável: Ana Paula da Silva MTb: 27.368

Revisão: Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica: Aline Fernanda Soares, Amanda Jéssica da Silva, Ana Beatriz Fernandes Barboza, Caroline Ochiuse Lorenzi, Ednaldo Alexandre Borgato, Fabrício Quinalia Zagati, Guilherme Ramalho dos Santos, Isabella Lourencini de Souza, Isadora do Nascimento Palhares, Karina Yukie Shinoda, Leticia Julião, Marcella Benetti Ventura, Margarete Boteon, Marta Berto Campos, Mayra Monteiro Viana, Renata Pozelli Sabio, Rodrigo Moreira Ramos e Stephanie Suarez Campoli.

Apoio: FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte: ênfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Foto: Fernando Tavares Studio
19 3371-5161

Impressão: www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



Lançamento

Tomate Híbrido F1

Sotero

 **FELTRIN**
SEMENTES

Uma
empresa
voltada para o
futuro

www.sementesfeltrin.com.br | (54) 2109.4400

GARANTA AS MELHORES INFORMAÇÕES DO SETOR EM **2013!**



Daiana Braga, jornalista e editora executiva

Ao longo do segundo semestre deste ano, realizamos o Recadastramento 2012 dos leitores da **Hortifruti Brasil**. O maior propósito é o de manter gratuitamente o envio da revista impressa para aqueles leitores que realmente necessitem periodicamente de informações sobre o mercado de frutas e hortaliças para o êxito de seus negócios. Esse recadastramento foi realizado com aqueles leitores que recebem a revista impressa. Já aqueles que recebem a revista eletrônica continuarão recebendo o exemplar na íntegra através de e-mail.

Além disso, a atualização do cadastro dos leitores permite que a equipe **Hortifruti Brasil** tenha um perfil detalhado dos agentes de mercado ligados ao setor hortifrutícola, que nos servirão para ajustar melhor futuras pesquisas de interesse dos leitores.

Para que o leitor se sinta cada vez mais formador de opinião da nossa revista, aumentamos o espaço na seção de cartas neste ano, dedicado exclusivamente ao leitor, expondo suas opiniões, críticas e sugestões. Essa interação nos permite avaliar nossas informações e obter novas demandas de pesquisas que refletem a realidade do mercado do setor hortifrutícola.

Recentemente, enviamos uma enquete via e-mail para todos nossos assinantes cadastrados em nossa Comunidade Eletrônica (www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade) sobre quais assuntos relacionados ao setor hortifrutícola que eles gostariam de ler na revista em 2013. A partir das respostas, foi possível finalizarmos nosso calendário de pautas das *Matérias de Capa* que iremos abordar em cada edição do próximo ano.

Devido à tamanha importância da opinião do leitor para a **Hortifruti Brasil**, essa é mensagem da capa deste Anuário 2012-2013. Você, leitor, que já entrou em contato conosco renovando seu cadastro, receberá todo mês as últimas informações de mercado. Caso ainda não tenha feito seu recadastramento, ainda dá tempo e é muito simples. Veja na página 6 desta edição os procedimentos que garantirão o envio da revista até você a partir de 2013.

Neste Anuário 2012-2013, você pode conferir além das perspectivas para 2013, toda a retrospectiva do setor hortifrutícola em 2012: quais foram os principais acontecimentos do ano e, principalmente, os impactos do clima, que foram bastante atípicos em 2012, influenciando na oferta e na rentabilidade do produtor. Preparamos também o Caderno de Estatísticas 2011-2012, com preços mensais de 11 produtos-alvo da publicação, separados por variedade e região (a série de preços de folhosas desses dois anos encontra-se na página 34). Todas essas informações foram elaboradas com muito empenho pela nossa equipe, e poderão colaborar para a tomada de decisão do hortifruticultor no próximo ano.

Agradecemos a todos os leitores por participar da **Hortifruti Brasil** por mais um ano. Não deixamos de agradecer também nossos parceiros, que nos apoiam nas pesquisas sabendo o quanto importante é o nosso trabalho em prol da hortifruticultura. E desejamos que em 2013 possamos atender todo o setor hortifrutícola com informações que colaborem para o desenvolvimento de toda a cadeia.



A todos um
próspero 2013!

AO LEITOR

AO LEITOR



Gestão sustentável da uva

Achei muita boa a edição sobre gestão sustentável da viticultura. Além da melhora no poder aquisitivo do brasileiro, houve também redução no preço real da uva. O dólar em queda nos últimos oito anos levou o preço da uva para baixo. Chegamos a exportar uva com dólar a R\$ 3,60 e hoje está na casa dos R\$ 2,00. Ficou caro exportar. Sempre acreditamos no mercado interno, sendo que nos últimos anos o consumo vem aumentando de forma significativa.

Espero que a demanda doméstica por uvas finas continue em alta. Nos próximos anos, vejo o cenário da uva em crescimento para atender principalmente o mercado interno, mas, para o exterior, estabilidade ou até mesmo redução nas exportações.

José Loyo Arcoverde Júnior
Petrolina/PE

Qualquer setor de produção agrícola passa por ajustes na produção. Custos sempre sobem, e devem acompanhar o aumento da produtividade. Qualidade é o que o mercado procura. Um aumento do consumo de uva



Você já parou para pensar no que é realmente importante para viver?

O cultivo dos amigos e das alegrias...



pelo brasileiro vai depender da política dos governos, já que os impostos altos travam a economia doméstica. Devemos incrementar projetos pilotos para estimular o consumo, associados a preços mais atrativos ao consumidor.

Thamaturgo Guimarães Castro Júnior
Sinop/MT

O cuidado com a saúde e o bem-estar...

Acredito que, com o poder aquisitivo da população aumentando, a demanda por frutas será maior. Caso o valor de venda da uva fique mais acessível, o consumo tende a ser ainda maior. No entanto, comparativamente com outras frutas, a uva ainda é um produto considerado “caro”. A uva semente, por exemplo, tem um valor elevado, o que restringe o acesso das classes mais baixas.

Ildeu de Souza
Janaúba/MG

As informações sobre custo de produção são de suma importância para planejar a gestão da atividade agrícola. O mercado doméstico brasileiro tem espaço para consumir frutas de alto valor agregado, principalmente com rastreabilidade de origem, com informações sobre o

sistema de produção e, principalmente, com frutas produzidas de forma ecologicamente correta. O consumidor está mais exigente e produtores estão aprendendo e se aprimorando para produzir uva de qualidade.

Romeu Suzuki
Califórnia/PR

Acredito que há espaço para aumentar o consumo de uva no Brasil. As uvas do Vale do São Francisco, além de bonitas, são saborosas e é isso que vende. Se o Brasil continuar permitindo a entrada de frutas estrangeiras, como uva e frutas de caroço, sem nenhuma restrição, não há segurança na produção. Abandonei seis hectares de uva por ter elevado o custo de produção, mão de obra pouco qualificada e competição de preço com a uva chilena.

Elisabete Vellini
Bom Jesus da Lapa/BA

A revista posiciona muito bem o cenário das culturas. Quanto à uva, o consumo só tende a aumentar, motivado pelo maior poder aquisitivo em todos os setores. Precisamos gerenciar melhor as importações de produtos acabados (como vinhos e outros), principalmente do Mercosul, com benefícios que nos prejudicam, muitas isenções ou trocas de benefícios.

Noivar Pessin
Farroupilha/RS



O setor de uva ainda tem muitos desafios. O primeiro passo é isentar os impostos, como o ICMS do frete. É preciso motivar os consumidores nos meses de menor demanda. Eu por exemplo, não tenho hábito de consumir uva, apesar de gostar.

João Paulo Staron
Contenda/PR

A matéria ficou ótima e ainda mais completa que a primeira. Estou bastante otimista com o futuro da viticultura. Na região onde moro e trabalho, vejo um maior crescimento para a uva, principalmente por meio da agricultura familiar.

Cícero da Silva Nascimento
Santa Maria da Boa Vista/PE

O País tem potencial para aumentar o consumo de uva pois o brasileiro está cada vez mais exigente com a qualidade. Em minha região, a uva é mais voltada para a fabricação de derivados, como vinhos, espumantes e sucos. Podemos apostar nessa cultura pois acredito que produtos agrícolas

tenham mais chance de estar na mesa dos brasileiros do que os industrializados.

Fabiel Marchesi
São Marcos/RS

Achei a matéria boa, já que foi possível saber o quanto o produtor gasta para produzir. Hoje o mercado está mais exigente com as opções de fruta, qualidade e variedades.

Marcelo Santos
Palmas/TO

A produção de uva do Vale do São Francisco terá maior direcionamento para o mercado interno se o câmbio continuar desfavorável à exportação. Outro problema que reduz os envios aos exterior é a crise europeia.

José Luis Susumu Sasaki
Ilha Solteira/SP

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

ou para: hfbrasil@esalq.usp.br

**O semeio de um
ideal e a busca
por um mundo
melhor...**

Para receber a revista **Hortifruti Brasil**
eletrônica, acesse

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade,
faça seu cadastro gratuito e receba todo
mês a revista em seu e-mail!



**Nossa preocupação é ajudar
você a encontrar a melhor
semente do melhor tomate,
adaptado na sua região,
obtendo, assim, o cultivo
ideal e da melhor qualidade.**

**É encurtar a sua busca para
prolongar a sua satisfação.**

**Agradecemos por terem
ingressado conosco em
mais um ano dessa jornada.**

Eagle Sementes
Referência nacional em
QUALIDADE e AVANÇOS
GENÉTICOS.

**Há 20 anos trabalhando
pela vida.**



Qualidade em genética

www.eaglesementes.com.br

RESTROSPECTIVA 2012

CLIMA DITA A RENTABILIDADE DO SETOR HORTIFRUTÍCOLA EM 2012

Por Mayra Monteiro Viana, João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Gui Pagliuca, Renata Pozelli Sabio, Leticia Julião e Margarete Boteon

São muitas as culturas e regiões que, juntas, formam a hortifruticultura brasileira. A equipe Hortifruti do Cepea/Esalq-USP pesquisa continuamente o mercado de 12 frutas e hortaliças (banana, batata, cebola, cenoura, citros, folhosas, maçã, mamão, manga, melão, tomate e uva) e, ao final de mais um ano, teve o desafio de fazer um balanço do desempenho de cada produto.

As especificidades são muitas, mas para facilitar a análise, os 12 produtos foram agregados em dois grupos. O primeiro reúne as hortaliças – tomate, cebola, batata e folhosas. No geral, as condições climáticas para esses produtos foram bastante atípicas em 2012, o que influenciou na oferta e na rentabilidade do produtor. O verão menos chuvoso no Sul e no Sudeste no primeiro quadrimestre de 2012 contribuiu para a maior oferta e conseqüente queda nos preços desse grupo, descapitalizando principalmente os agricultores de batata e tomate. Por outro lado, o volume de chuva elevado em junho, período em que se esperava tempo seco, limitou o plantio e a produtividade no segundo semestre, especialmente em São Paulo, elevando consideravelmente os preços ao produtor. Aqueles que não tiveram queda considerável na produtividade conseguiram se beneficiar de melhores preços. A forte estiagem no segundo semestre de 2012 também impactou a produtividade e até a área cultivada no Nordeste com hortaliças pesquisadas pela **Hortifruti Brasil**: batata, tomate, cebola e cenoura.

Para o segundo grupo, o das frutas (banana, citros, maçã, mamão, manga, melão e uva), no geral, a oferta foi mais escalonada e permitiu boa rentabilidade ao produtor que comercializa no mercado doméstico. A exceção foi a laranja, já que a redução do volume processado pelas indústrias em 2012 elevou consideravelmente a oferta de fruta para o consumo *in natura*. Assim, nem toda a produção foi absorvida, causando perdas consideráveis – tanto físicas quanto financeiras. É muito provável que centenas de citricultores deixem a atividade neste ano. Os de menor porte estão migrando para outras frutas e, os de médio e grande porte, para a cana-de-açúcar.

A estiagem também prejudicou a fruticultura nordestina – nesta região, a falta de chuva é sentida desde o primeiro semestre –, com destaque para a manga na região baiana de Livramento de Nossa Senhora/Dom Basílio (BA). Devido à falta de água para irrigação – o nível dos reservatórios ficou bastante baixo –, a produtividade teve forte redução, e o maior preço não foi suficiente para cobrir os prejuízos.

Para as frutas mais dependentes do mercado internacional, como uva e manga do Vale do São Francisco e melão do Rio Grande do Norte/Ceará, o dólar mais valorizado frente ao Real em 2012 tem trazido um pouco de alívio para os exportadores. Mas, a previsão ainda é de estabilidade nas vendas por conta do desaquecimento econômico da Europa e dos Estados Unidos, principais importadores das frutas brasileiras.

Além do impacto da produtividade, a estimativa da

EVOLUÇÃO DA ÁREA DOS HORTIFRUTÍCOLAS PESQUISADOS PELA EQUIPE HORTIFRUTI/CEPEA*

Produto	2011	Varição% (10/11)	2012	Varição% (11/12)
Tomate	35.962,44	-6,3%	34.854,44	-3,1%
Batata	104.250,00	-8,2%	100.547,00	-3,6%
Cebola	35.420,20	-9,0%	36.251,89	2,3%
Cenoura	16.318,00	-6,8%	15.198,00	-6,9%
Manga	51.010,00	2,0%	48.376,00	-5,2%
Melão	13.493,00	7,9%	13.702,00	1,5%
Mamão	18.525,00	-13,4%	16.800,00	-9,3%
Maçã	29.926,00	-1,2%	26.550,00	-11,3%
Banana	68.332,00	0,3%	68.482,00	0,2%
Uva	26.308,00	-2,2%	26.314,00	0,02%
Total	399.544,64	-4,3%	387.075,33	-3,1%
Área por grupo	2011	Varição % (10/11)	2012	Varição % (11/12)
Hortaliças	191.950,64	-7,9%	186.851,33	-2,7%
Frutas	207.594,00	-0,8%	200.224,00	-3,6%

Fonte: Cepea

* As estatísticas de produção elaboradas pelo Cepea baseiam-se em levantamentos amostrais, obtidos a partir de contato com os principais agentes do setor nas grandes regiões de produção. Não refletem, portanto, a área total de cada cultura.

equipe **Hortifruti Brasil** é que também a área cultivada com 11 produtos (frutas e hortaliças, excetuando-se citros) tenha diminuído em 3,1% em 2012. Essa queda seria reflexo da descapitalização dos produtores em anos anteriores, que reduziu a capacidade de investimento em 2012.

Para 2013, por enquanto, é aguardada estabilidade da área cultivada. Mas, dependendo dos resultados obtidos na safra de verão 2012/13 das hortaliças, essa estimativa pode se alterar. No caso das frutas, a estabilidade decorre especialmente da limitação da mão de obra e, em alguns casos,

da baixa capitalização dos produtores. No entanto, na citricultura, sobretudo a paulista, os resultados insatisfatórios nesta temporada devem refletir em recuo significativo na área para 2013.

Quanto à questão climática, tudo indica que o fenômeno *El Niño* no verão de 2013 deve ter pouca influência. Isso significa que o clima pode se manter no padrão normal para a estação. Assim, é esperada que a estiagem no Nordeste não seja tão forte quanto em 2012 e que não ocorram chuvas acima da média histórica no inverno.

COMÉRCIO EXTERNO DE FRUTAS: BRASIL É COMPETITIVO, MAS CRISE NO HEMISFÉRIO NORTE LIMITA AVANÇOS

As exportações ao longo de 2012 têm se mostrado praticamente estáveis frente às do ano passado, em termos de receita. Contudo, ainda há algumas incertezas para o final do ano – a principal janela de exportação ocorre nos meses de setembro a dezembro. Para uva e manga, o mercado interno aquecido desmotiva incrementos na exportação, apesar de os preços externos estarem satisfatórios. Entre as frutas para as quais são previstos leves incrementos, destaca-se o melão, inclusive pelo aumento de área cultivada. Para a maçã, houve recuperação das exportações neste ano após a forte perda na temporada passada. Já para a lima ácida tahiti, banana e mamão, foram registrados recuos nos envios ao mercado internacional.

O dólar mais valorizado frente ao Real em 2012 elevou os ganhos do setor com as exportações de frutas. Segundo o Boletim Focus do dia 3 de dezembro, a taxa de câmbio em 2012 deve ter média de R\$ 1,95/US\$, fechando o ano a R\$ 2,07/US\$. Esse patamar é muito acima do observado em 2011, quando a média foi de R\$ 1,68/US\$.

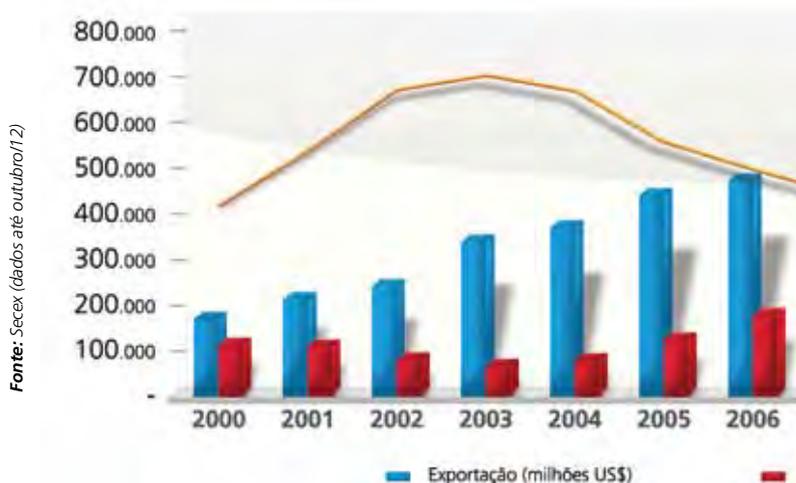
Em 2013, o câmbio pode continuar relativamente favorável à exportação. Segundo o boletim Focus de 3 de dezembro, a previsão é de R\$ 2,06 para o final do próximo ano. A exemplo do observado em 2012, o mercado interno deve continuar atrativo. Quando a decisão for pelo mercado externo, caberá aos exportadores aproveitar as janelas de mercado a fim de expandir os embarques. Essas oportunidades podem ser ampliadas caso haja quebra de safra de algum país concorrente nas vendas para a Europa ou Estados Unidos, bem como atrasos ou adiantamentos de safras desses fornecedores. Até o momento, porém, não foi confirmada alteração que possa favorecer diretamente exportadores de frutas do Brasil.

Quanto às importações, o mercado brasileiro chama a atenção dos países vizinhos. Contudo, ao final de abril, foi interrompida a importação de uva da Argentina devido a um problema fitossanitário. Sem data para serem retomadas as compras de uva daquele país e com a possibilidade de o

Chile enviar bons volumes ao Brasil, ainda é cedo para se prever como as importações dessa fruta irão se comportar em 2013. No caso da maçã, houve diminuição das compras da fruta argentina devido a uma praga quarentenária e também ao cancelamento de licenças automáticas para entrada da fruta. O Chile, porém, tem aumentado os embarques de maçã e uva para o Brasil, compensando as restrições no comércio com a Argentina. A pera continua sendo o destaque no que diz respeito à importação. Isso ocorre pela combinação de boa demanda dos brasileiros à produção de pera inexpressiva no Brasil.

Analisando-se o conjunto de frutas transacionadas internacionalmente, a expectativa tanto para 2012 quanto para o próximo ano é de estabilidade/leve crescimento nas exportações, enquanto as importações podem crescer em ritmo abaixo da média de anos anteriores, mas ainda positivo.

Valores de exportação de frutas podem ter pouca



* Previsão Hortifruti Brasil/Cepea

** Câmbio (R\$/US\$) médio de 2012 e 2013= boletim Focus de 12/11/2012

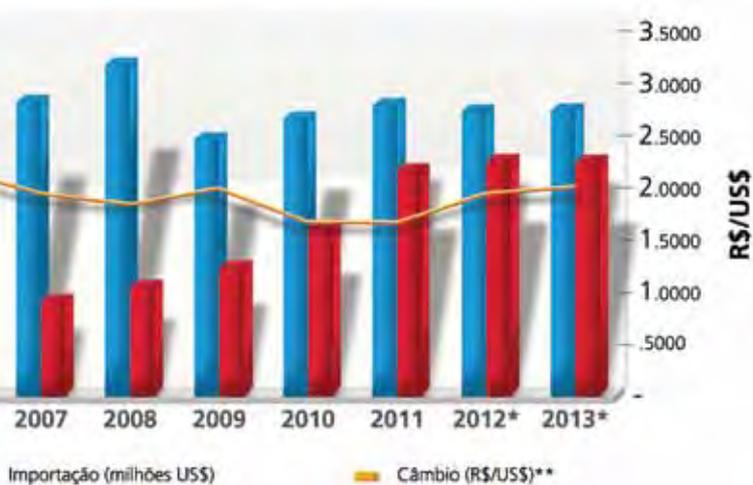
DESCENTRALIZAÇÃO DO CULTIVO DOS HORTIFRUTIS DEVE CONTINUAR EM 2013

O Sudeste e o Sul do País concentram a produção das frutas e hortaliças. Mas, dependendo do produto, outras regiões podem se destacar. Um exemplo é o melão no polo produtor do Rio Grande do Norte e Ceará, como também a uva e a manga no Vale do São Francisco. Goiás se destaca na produção do tomate industrial.

No estado de São Paulo, já é visível a migração de frutas e hortaliças para regiões como Minas Gerais (sul, cerrado e norte do estado), Goiás e Bahia. Esses estados têm aumentado a área impulsionados pela dificuldade de expansão em São Paulo e também pelo aumento do consumo dos hortifrutis no Centro-Oeste e Nordeste, fomentado pela melhor distribuição de renda no País. Com isso, regiões que antes não tinham expressão em termos de produção têm se fortalecido e encontram consumidores em suas proximidades.

Apesar dos avanços do consumo de frutas e hortaliças no País, ainda continua muito abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A Organização sugere 400 gramas diárias. Nos domicílios brasileiros, segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar do IBGE de 2008-09, o consumo de frutas e hortaliças foi próximo a 200 gramas. A melhor distribuição de renda da população permitiu o acesso da classe C às frutas e hortaliças nos últimos anos, mas a ingestão ainda está aquém tanto do recomendado quanto do potencial produtivo do setor.

ção e de importação alteração entre 2011 e 2013



ESALQ
USP

Pecege
ESALQ | USP

Aqui o seu MBA é USP



Cursos presenciais,
a distância e in company

MBA's Agro:

- MBA em Agronegócios Esalq/USP
- MBA em Agroenergia Esalq/USP

MBA's ADM:

- MBA em Gestão Estratégica Esalq/USP
- MBA em Gestão Pública Esalq/USP

Inscrições Abertas!

www.pecege.esalq.usp.br

Contato

(19) 3375 4250 - (19) 3375 4251 - (19) 3434 1333

Escritório I

Av. Pádua Dias, 11

Caixa Postal - 252 CEP 13400-970

Escritório II

Alexandre Herculano, 120, Sala T4

Vila Monteiro - CEP 13418-445

Piracicaba/SP

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DO MERCADO HORTIFRUTÍCOLA NOS PRÓXIMOS 10 ANOS

Nos últimos 10 anos, o setor hortifrutícola brasileiro avançou consideravelmente em termos de produção e comercialização. No grupo das hortaliças, é visível o aumento do portfólio de variedades e de produtos-especialidades, como as mini-hortaliças. No caso das frutas, dada a decisão de produtores/exportadores em destinar parte da sua safra ao mercado doméstico, o consumidor brasileiro tem acesso a um maior número de variedades de manga, melão e uva, além de contar com maior oferta de mamão formosa, considerado muito saboroso. No caso da batata, cada vez mais, o consumidor se inclina a produtos processados, como as batatas pré-fritas congeladas.

Outra tendência é o crescente acesso dos consumidores a frutas importadas. Nesse sentido, o destaque é a pera, principal fruta trazida do exterior.

Com as oportunidades existentes, nos próximos 10 anos, a hortifruticultura brasileira tende a manter crescimento consistente, acompanhando o fortalecimento do consumo brasileiro. O alcance da tão almejada sustentabilidade econômica ainda depende da superação de uma série de barreiras, mas, sem dúvidas, tem havido e continuará a haver avanços, sustentados pelo empenho dos profissionais que compõem a hortifruticultura brasileira. ■

Dra. Margarete Boteon (ao lado) é editora científica da Hortifruti Brasil.



Abaixo, Mayra Monteiro Viana (esq.), João Paulo Deleo e Larissa Pagliuca são editores econômicos.



Renata Pozelli Sabio (esq.) e Letícia Julião integram a equipe de editores em 2013.



Vantagens, desvantagens, oportunidades e desafios do setor hortifrutícola (2012/2022)

Vantagens:

- Melhorias na produtividade e na administração das propriedades rurais;
- Agregação de valor via processamento do produto hortifrutícola;
- Descentralização das regiões produtoras e crescimento da produção em Minas Gerais (norte/sul e cerrado), Goiás e Bahia.

Desvantagens:

- Aumento do custo de produção, especialmente da mão de obra;
- Escassez de recursos básicos de produção: mão de obra, terra e água;
- Necessidade de modernização da comercialização;
- Baixa tecnologia/instrumentos de seguro para proteção de granizo e outros riscos;
- Material genético de baixo potencial produtivo.

Oportunidades:

- Fortalecimento do mercado doméstico brasileiro. As classes média e de alto poder aquisitivo devem representar 70% da população brasileira em 2014 (155 milhões de brasileiros), segundo a Fundação Getúlio Vargas;
- Consumidor mais informado, demandando qualidade, conveniência, segurança e produtos diferenciados.

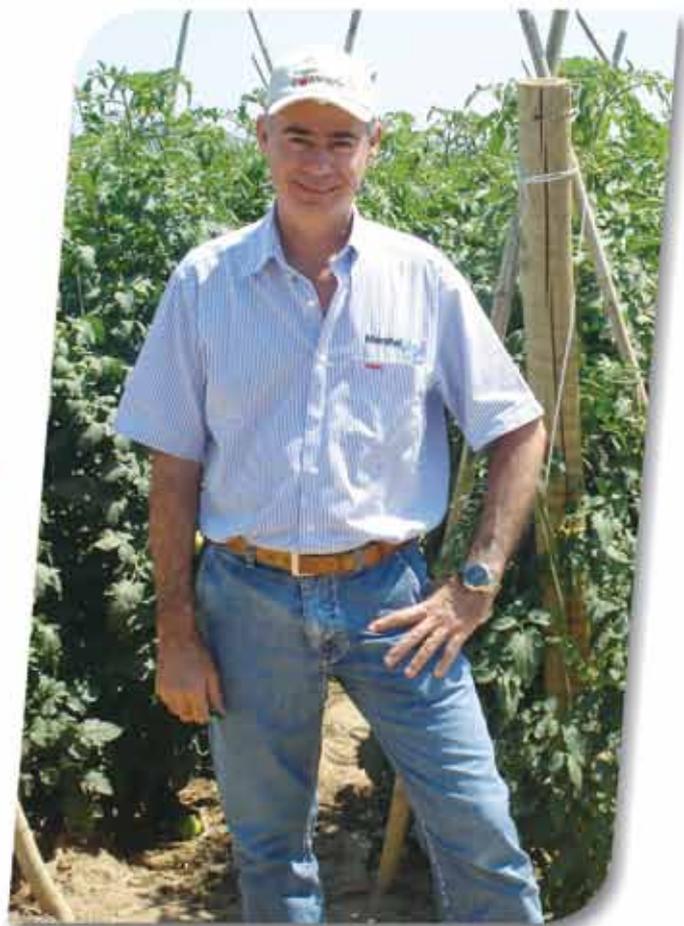
Desafios:

- Reduzir custos;
- Nacionalização da distribuição, melhoria na logística de distribuição do produto (especialmente a cadeia a frio);
- Maior investimento em material genético;
- Maior investimento em pesquisa e desenvolvimento de defensivos;
- Promover campanhas de estímulo a hábitos saudáveis, como o maior consumo de frutas e hortaliças.



“É UM MATERIAL QUE ASSOCIA MUITA PRODUTIVIDADE À QUALIDADE DO TOMATE, COM UM FORMATO BEM ATRAENTE E BASTANTE UNIFORME.”

*Lauro Andrade,
Agricultor de Tomate
Monte Mor -SP*



Tomate Híbrido Compact

» **Produtividade**

» **Excelente pegamento sequencial de frutos**

» **Resistências: Va/Vd, Fol (raças 1 e 2), Mi/Ma/Mj, ToMV e TSWV.**

Legenda das resistências: Va/Vd (*Verticillium albo atrum* v. *dahliae*), Fol (*Fusarium oxysporum* f.sp. *lycopersici*), Mi/Ma/Mj (*Meloidogyne incognita*/ *Meloidogyne arenaria*/ *Meloidogyne javanica*), ToMV (Tomato mosaic virus) e TSWV (Tomato spotted wilt virus).



OFERTA LIMITADA RESU POSITIVA

Números da cebola em 2012

+97%

**Alta nos preços do Sul na
safra 2011/12 frente à anterior**

-30%

**Quebra de produtividade
em Monte Alto e São José
do Rio Pardo (SP)**

R\$ 1,45/kg

**Média de setembro
no Vale do São Francisco -
Segunda maior
desde 2002**

R\$ 0,90/kg

**Maior média mensal do
ano – abril, em Irecê (BA)**

Redução de área no Sul e oferta controlada garantem bons preços

Em termos gerais, a safra 2011/12 na região Sul do Brasil foi positiva. Na média da temporada (novembro/11 a maio/12), o preço da cebola crioula na roça foi de R\$ 0,70/kg, valor 76% superior ao mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura e 97% acima da média da safra anterior. O bom resultado se deve, sobretudo, à redução de 6% na área cultivada na temporada 2011/12 frente à anterior, o que diminuiu o volume no mercado. A menor área ocorreu devido à rentabilidade negativa da cultura em 2010, quando o excesso de oferta comprometeu a rentabilidade dos produtores, devido aos preços pouco remuneradores. Além disso, chuvas constantes em agosto de 2011 levaram à perda de bulbos em Lebon Régis (SC), reduzindo ainda mais a oferta na temporada 2011/12. Quanto ao calendário geral das regiões sulistas, as atividades de colheita ocorreram entre novembro/11 e janeiro/12. A comercialização foi mais escalonada, evitando volume excessivo, já que uma maior proporção de bola precoce e crioula, variedades que possuem boa adaptação à armazenagem, foi cultivada entre novembro/11 e maio/12.

Calendário adiantado no Cerrado dá bons resultados

O Cerrado brasileiro concluiu a safra 2012 em novembro com boa rentabilidade, devido à oferta reduzida durante todo o ano. A região teve aumento de 10% na área de cultivo em relação à safra 2011, com adiantamento no calendário de plantio de cerca de 30 dias, devido ao tempo seco em abril e maio – a colheita começou no final de maio. O adiantamento possibilitou que a oferta da safra fosse mais escalonada durante a

temporada. A menor disponibilidade em 2012 resultou em bons preços durante toda a safra, até mesmo no período de pico de oferta, em julho e agosto. Em julho, chuvas fora de época, que foram mais intensas em Minas Gerais, resultaram em incidência de doenças, como bico d'água e mal-de-sete-voltas, e menor produtividade.

Com quebra de safra, SP fecha no azul

Apesar de problemas climáticos no início da temporada, a safra das regiões paulistas de São José do Rio Pardo e Monte Alto foi positiva. Além da redução de 1% na área cultivada das regiões que concentram a safra no segundo semestre, adversidades climáticas resultaram em quebra de safra nas principais regiões produtoras no período. Tais fatores limitaram a oferta no País, refletindo em bons preços, que compensaram a baixa produtividade, gerando rentabilidade positiva. Apesar disso, as chuvas em junho e julho prejudicaram os bulbos, causando doenças como bico d'água e mal-de-sete-voltas, além do atraso de duas semanas no início da colheita dos bulbos. Como consequência da umidade elevada, a qualidade e a produtividade nesta temporada foram prejudicadas, com quebra de 30%. Entretanto, com o tempo firme em agosto e setembro, a qualidade dos bulbos melhorou, permitindo que as cotações dessas regiões paulistas acompanhassem a alta que ocorreu no cenário nacional no segundo semestre, garantindo boa rentabilidade. A média ponderada pelo calendário de colheita (julho a outubro) foi de R\$ 0,89/kg, valor 109% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura.

Extensão da safra nordestina é positiva

LTA EM RENTABILIDADE EM 2012

Em 2012, as regiões produtoras de cebola do Nordeste prolongaram a safra, que normalmente é encerrada em outubro, até o início de dezembro. Isso ocorreu devido aos preços atrativos, ocasionados pela redução da oferta nacional no segundo semestre deste ano. A baixa disponibilidade foi resultado da quebra de safra das regiões paulistas, adiantamento da safra do Cerrado e redução de área no Nordeste, devido à seca. De modo geral, a oferta ficou restrita nas regiões nordestinas durante praticamente toda a temporada, garantindo bons preços ao longo do ano. Na região do Vale do São Francisco, houve estabilidade nos investimentos para esta safra, ao passo que na região de Irecê (BA) houve redução de quase 20% na área cultivada, por conta da baixa umidade. A média dos preços de cebola IPA-11, comercializada entre março e julho, foi de R\$ 0,81/kg em Irecê, 78% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Em setembro, a cebola registrou média de R\$ 1,45/kg, maior preço da safra e segunda maior média mensal, em termos nominais, da série histórica do Cepea, que começou em 2002. Quanto à praça de Mossoró (RN), que concentra a safra no final do ano (de setembro a janeiro), houve aumento de 15% na área, reflexo dos preços atrativos ao longo de 2012. A expectativa é que este cenário continue para a safra potiguar.

Importação da Argentina diminui mais uma vez

As importações brasileiras de cebola tiveram redução de 10% entre janeiro e outubro deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, segundo a Secex (Secretaria de Comércio Exterior). A entrada do bulbo da Argentina, cuja origem representa 73% de toda a importação brasileira, diminuiu expressivos 27%, devido a vários fatores. O país vizinho

reduziu a área plantada em 10%, além de ter registrado quebra na produtividade por causa do clima seco. Além disso, o adiantamento da safra do Cerrado para maio, que neste ano tinha um produto mais competitivo, finalizou as importações da Argentina um mês mais cedo que o esperado, em junho. No segundo semestre, as compras brasileiras foram realizadas principalmente na Europa. Os meses de maior entrada dos bulbos europeus foram setembro e outubro, somando 13 mil toneladas. Apesar de a quantidade importada no segundo semestre ser bastante inferior à do primeiro semestre, a oferta de cebola estrangeira acabou limitando a alta dos preços da nacional.

Sul: clima pode reduzir produtividade da safra 2012/13

A expectativa para a temporada 2012/13 do Sul é de manutenção na área, com ligeira elevação de 0,2%. Isso porque Irati (PR) aumentou em 3% os investimentos nesta temporada em relação à anterior. Apesar dos resultados positivos da safra 2011/12, produtores sulistas têm receio de que investimentos mais significativos pressionem as cotações de forma expressiva, como observado em 2010. Com a manutenção da área na safra 2012/13, a oferta de bulbos sulistas pode ser menor em relação a 2011. Isso porque, quando os bulbos estavam em desenvolvimento (setembro), chuvas de granizo foram registradas na maior parte das regiões, resultando em quebra de 30% na produtividade. As variedades mais atingidas pelo clima foram as precoces, as quais, em agosto, haviam sido



Isadora do Nascimento Palhares
é analista do mercado de cebola.

Entre em contato:
hfcebola@usp.br



expostas à seca e, em setembro, à forte chuva – esta variedade representa cerca de 60% do total cultivado no Sul. A expectativa é de que a colheita da crioula ocorra em dezembro e janeiro. A comercialização, no entanto, pode seguir até maio, devido à possibilidade de armazenamento dos bulbos.

Área deve aumentar na maioria das regiões

Com os bons resultados neste ano, a maioria das regiões produtoras deve, inicialmente, aumentar os investimentos da cultura para 2013. No Nordeste, as condições climáticas serão decisivas para a tomada de decisão dos produtores, principalmente na região de Irecê (BA). Caso haja chuva suficiente para retomar

os níveis normais dos reservatórios, pode haver aumento de 8% em relação ao ano passado. No Cerrado, a previsão é de aumento de 10% na área, pois, com os bons resultados deste ano, produtores se capitalizaram. O Cerrado, que tem boas condições edafoclimáticas e tecnologia para o cultivo de bulbos, vem aumentando a área desde 2008. Nas regiões paulistas de São José do Rio Pardo e Monte Alto, apesar de o clima não ter sido favorável neste ano, os bons preços sustentam a expectativa de elevação de 10% nos investimentos em relação à safra anterior. Quanto à produção de bulbos em Divinolândia e Piedade (SP), a expectativa é de redução de 15% na área, devido ao fato de o clima desta temporada ter prejudicado a produção.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CEBOLA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011	2012	Varição %
Divinolândia (SP)	Divinolândia	650,1	600,0	-8%
Piedade (SP) - Bulbinho	Piedade	147,0	140,0	-5%
Piedade (SP) - Híbrida	Piedade	450,0	495,0	10%
Monte Alto (SP)	Monte Alto	1.334,4	1.334,4	0%
São José do Rio Pardo (SP)	São José do Rio Pardo	1.938,8	1.938,8	0%
São Gotardo (MG)	São Gotardo	661,2	694,3	5%
Santa Juliana (MG)	Uberaba, Ibiá e Santa Juliana	819,7	860,7	5%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	1.195,5	1.374,0	15%
Mossoró (RN)	Mossoró e Baraúna	475,0	475,0	0%
Irecê (BA) ²	João Dourado, Irecê, Lapão, América Dourada, São Gabriel, Canarana, Barro Alto, Cafarnaum, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Mulungu do Morro, Presidente Dutra e Xique-Xique	2.146,9	1.755,8	-18%
Vale do São Francisco ²	Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Remanso, Juazeiro, Curaçá e Paulo Afonso (BA); Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Belém do São Francisco, Cabrobó e Petrolândia (PE)	4.500,0	4.550,5	1%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011/12	2012/13*	Varição %
São José do Norte (RS)	São José do Norte	2.334	2.334	0%
Rio Grande (RS)	Rio Grande e Tavares	1.725	1.725	0%
Irati (PR)	Irati e Lapa	1.259	1.297	3%
Lebon Régis (SC)	Caçador, Curitiba e Lebon Régis	1.509	1.509	0%
Ituporanga (SC)	Ituporanga, Petrolândia, Aurora, Atalanta, Imbuia, Vidal Ramos, Agrolândia, Alfredo Wagner, Bom Retiro e Leoberto Leal	14.725	14.725	0%

²Dados com base na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA).

* Estimativa feita em novembro/2012.

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ



DESEJAMOS UM 2013
REPLETO DE REALIZAÇÕES.

MOVIDA PELA PAIXÃO AO CAMPO E PELO DESAFIO DE SUPERAR LIMITES.

Com mais de 50 anos no mercado, a Agristar é hoje uma das maiores empresas do país na produção e comercialização de sementes.

Com capital 100% nacional e com uma ampla e moderna infraestrutura, a Agristar tem orgulho de conhecer a nossa terra e aqui desenvolver e testar toda a tecnologia necessária para oferecer produtos de alto desempenho.

Essa é a Agristar, uma empresa que acredita na agricultura, na força do produtor brasileiro e principalmente em um amanhã cada vez melhor.



LINHAS:

TOPSEED
Premium
SEMENTES PARA SUA VIDA

TOPSEED
TRADIÇÃO EM SEMENTES

TOPSEED
MARTIN
SEMENTES PARA SUA VIDA

Superseed
SEMENTES QUE FAZEM A DIFERENÇA

SOLARIS
SOLUÇÕES PARA O CAMPO

COM FORTE INFLUÊNCIA CLIMÁTICA, RESULTADOS AO LONGO DO ANO TÊM GRANDES CONTRASTES

Números de tomate em 2012

R\$ **76**,45/cx

Maior preço médio mensal do tomate salada 2A desde 2001 na Ceagesp (julho)

R\$ **8**,92/cx

Menor preço médio mensal do tomate salada 2A em Caçador (abril)

+81%

Rentabilidade média por caixa nas regiões produtoras da safra de inverno (março a setembro)

-15%

Quebra de produtividade do tomate rasteiro industrial

Área da safra de verão 2012/13 deve ter nova redução

Apesar do recuo de cerca de 6% na área cultivada na temporada 2011/12, em relação à safra 2010/11, os preços do tomate recuaram fortemente no último verão. Isso ocorreu devido ao clima mais seco, por conta do fenômeno *La Niña*, que permitiu produtividade acima da média desse período para todas as regiões produtoras, já que as lavouras são irrigadas. Com a oferta elevada, entre novembro/11 e junho/12, o preço médio do tomate salada 2A, ponderado pela quantidade colhida por mês e pela classificação do fruto (1A ou 2A), foi de R\$ 16,35/cx, valor muito próximo ao custo mínimo estimado por produtores para a produção da caixa no período – R\$ 16,34/cx. Apesar disso, a rentabilidade variou para cada produtor: aqueles que concentraram a produção entre fevereiro e abril deste ano tiveram rentabilidade menor, uma vez que a oferta foi mais concentrada nesses meses, e os preços tiveram média de R\$ 10,68/cx. Em Caçador (SC), por exemplo, a média de preços em abril foi de R\$ 8,92/cx, menor média mensal (em termos nominais) da região desde 2002 – início de levantamento de preços do Cepea. Devido à descapitalização na safra passada, a área da temporada 2012/13 deve diminuir. Até o início de dezembro, essa redução era estimada em 13%. Com o recuo nos investimentos e a previsão de maior volume de chuvas nesta temporada, tanto a produtividade quanto a oferta devem ser menores, o que sustenta a expectativa de preços melhores.

Temporada de inverno 2012 tem resultados excelentes

Mesmo com o aumento na área de cultivo frente ao ano passado, a safra de

inverno 2012 (março a novembro) teve oferta controlada e, exceto nos meses em que a colheita coincidiu com a da safra de verão (março e abril), apresentou cotações superiores aos custos de produção. O motivo foi o elevado volume de chuva entre abril e junho. Com isso, a produtividade nas lavouras esteve 30% abaixo do potencial da safra, que é de 400 cx/1.000 pés. Na média de março a novembro, o preço da caixa de tomate, que varia de 23 a 27 kg, ponderado pela quantidade colhida por mês e classificação do fruto, nas principais regiões produtoras, foi de R\$ 30,08, 81% superior aos custos médios estimados por produtores (R\$ 16,62). Com os bons resultados, há intenção do setor em aumentar ligeiramente a área de plantio da safra de inverno 2013. Maiores investimentos, no entanto, podem ser limitados pela escassez de mão de obra e terras disponíveis para a atividade. Além disso, há o receio de que um acréscimo substancial na área leve a uma grande oferta, o que impossibilitaria uma boa remuneração em 2013.

2012: Ano de preços recordes

Neste ano, os preços do tomate salada 2A comercializado na Ceagesp atingiram os maiores patamares já registrados pelo Cepea, em termos nominais. Com a baixa produtividade das lavouras na safra de inverno, causada pelo atípico excesso de chuva no período de desenvolvimento das lavouras, a oferta foi significativamente limitada em alguns meses do ano. Dessa forma, em julho e agosto, foram observados os maiores preços nominais do tomate salada 2A na Ceagesp, considerando-se a série histórica do Cepea, que começou em 2002. Em julho, o preço médio da caixa de 22 kg no atacado paulistano foi de R\$ 76,45, enquanto que, em agosto, a

ACABA DE NASCER O BRASILEIRO QUE VAI TRAZER
MUITO ORGULHO AO CAMPO. ASSIM COMO VOCÊ.

Natália

O TOMATE COM DNA BRASILEIRO

O tomate Natália é uma inovação da Sakata, desenvolvido no Brasil especificamente para as nossas condições.

Isso quer dizer que se adapta a diversos climas e regiões e pode ser plantado o ano todo.*

Para conseguir tal inovação, a Sakata dedicou anos de estudos e pesquisas para criar um fruto mais forte, resistente e de alta produtividade. Afinal, ele tem DNA brasileiro.

* Para mais informações consulte a Sakata.


EXCELENTE
DESEMPENHO
EM PERÍODOS
CHUVOSOS


RESISTENTE A
NEMATOIDE E
BACTERIOSE


EXCELENTE
PEGAMENTO E
QUALIDADE
DOS FRUTOS

www.sakata.com.br
A sua janela para o campo



SAKATA®

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - TOMATE*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Primeira parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2011	2012	Variação
Mogi Guaçu (SP) - abril a outubro	Estiva Gerbi, Santo Antônio da Alegria, Aguaí, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Serra Negra e Pirassununga	9,00	9,45	5%
Sumaré (SP) - maio a junho	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	5,60	6,00	7%
Araguari (MG) - março a novembro	Araguari, Indianópolis, Uberaba, Monte Carmelo e Catalão	13,00	14,00	8%
Pará de Minas (MG) - abril a novembro	Carmópolis, Pitangui, Onça do Pitangui, Barbacena, Carandá, Coimbra e São José da Varginha	6,00	6,25	4%
São José de Ubá (RJ) - junho a outubro	Aré, São João do Paraíso, Itaperuna e Bom Jesus	4,50	3,80	-16%
Itaocara (RJ) - maio a novembro	Itaocara	2,70	3,00	11%
Paty do Alferes (RJ) - abril a agosto	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	3,30	4,50	36%
Norte do Paraná - março a junho	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	2,30	2,00	-13%
Sul de Minas Gerais - abril a agosto	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	6,00	6,00	0%

Segunda parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2011	2012	Variação
Sumaré (SP) - outubro a dezembro	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	1,70	2,00	18%
Paty do Alferes (RJ) - setembro a dezembro	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	1,75	3,50	100%
Norte do Paraná - setembro a dezembro	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,40	1,10	-21%
Sul de Minas Gerais - setembro a dezembro	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	4,00	4,00	0%

Tomate de Mesa - Safra de verão		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2011/12	2012/13	Variação
Itapeva (SP) - novembro a maio	Itapeva, Guapiara, Apiaí, Capão Bonito, Itaberá, Buri, Taquarivaí e Ribeirão Branco	25,00	22,50	-10%
Caçador (SC) - dezembro a abril	Caçador, Rio das Antas, Lebon Régis, Monte Castelo e Macieira	13,10	11,50	-12%
Urubici (SC) - dezembro a abril	Urubici	2,00	1,50	-25%
Venda Nova do Imigrante (ES) - novembro a junho	Venda Nova do Imigrante	6,20	6,20	0%
Nova Friburgo (RJ) - dez a abril	Bom Jardim, Sumidouro e Teresópolis	6,50	6,00	-8%
Reserva (PR) - novembro a abril	Reserva, Ortigueira e Imbaú	16,00	10,00	-38%
Caxias do Sul (RS) - novembro a maio	Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Nova Bassano, Pelotas, Nova Prata, Santa Lúcia do Piaí	8,4	8,40	0%

Tomate de Mesa - Safra Anual		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2011/12	2012/13	Variação
Chapada Diamantina (BA)	Alto Paraguaçu	7,00	7,00	0%
Serra da Ibiapaba (CE/PI) - concentra de setembro a março	Guaraciaba, São Benedito, Ibiapina, Ubajara, Tiangua, Viçosa do Ceara, Ipu e Carnaubal	8,40	8,40	0%
Agreste de Pernambuco - concentra de setembro a março	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim do São Felix, São Joaquim do Monte Bonito, Caruaru	6,60	5,94	-10%
Irecê (BA)	Região de Irecê e Região de Seabra	20,00	20,00	0%

Obs: Os dados se referem apenas ao plantio do tomate destinado à mesa/sistema envasado.

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

Tomate Rasteiro/Indústria		Hectares		
Região	Praças de Coleta	2011	2012	Variação
Estado de Goiás**	Goiânia e Nerópolis	14.548,00	11.825,45	-18,7%
Estado de São Paulo	Matão e Araçatuba	4.200,00	4.200,00	0,0%
Estado de Minas Gerais	Paracatu e Lagoa Grande	950,00	950,00	0,0%
Agreste de Pernambuco	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim de São Félix, São Joaquim do Monte, Bonito e Caruaru	380,00	280,00	-26,3%

** Dados da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agridesfesa).

média foi de R\$ 74,42/cx. Além do tomate salada, outras variedades, como o santa cruz e o italiano, também registraram preços elevados. As médias do tomate tipo santa cruz foram de R\$ 87,28/cx e de R\$ 81,50/cx em julho e agosto, respectivamente, enquanto o italiano foi comercializado a R\$ 84,54/cx e R\$ 76,69/cx.

Área do tomate industrial pode aumentar em 2013

Devido à alta produtividade do tomate industrial na safra 2010/11, que elevou os estoques de polpa para a indústria naquele período, produtores diminuíram em 14,1% a área da safra 2011/12, totalizando 17 mil hectares. Por outro lado, parte das lavouras registrou baixa produtividade, estimada em 15%, devido às chuvas prolongadas no início do plantio, o que reduziu ainda mais a oferta. A média de produtividade das regiões produtoras foi de cerca de 80 t/ha. Problemas de produtividade só não foram registrados em Cristalina, que representa aproximadamente 60% da área total de tomate industrial no estado de Goiás. Isso porque os produtores dessa região plantaram nos meses de março/abril, quando as chuvas não interferiram muito nas atividades e no desenvolvimento. Assim, a produtividade das roças de Cristalina ficou próxima de 100 toneladas por hectare, praticamente a mesma do ano passado. Mesmo com os problemas ocorridos durante a safra, os valores dos contratos não tiveram muitas alterações, continuando em aproximadamente U\$ 90,00/t, incluindo os insumos. Em relação à safra industrial do oeste paulista, a área em 2012 finalizou igual à passada, em 4.200 hectares. Assim como em Goiás, a produtividade da praça paulista também foi prejudicada pelas chuvas, ficando torno de 15% inferior ao potencial da região. No Agreste de Pernambuco, por outro lado, a seca reduziu a área em 2012 em torno de 26,3%, totalizando

280 hectares. Dada a menor produção brasileira neste ano, a necessidade de importação, que já ocorre todo ano, aumentou ainda mais. Assim, as compras de atomatados, de janeiro a outubro, somaram 34,41 mil toneladas, segundo a Secex (Secretaria de Comércio Exterior), expressivo aumento de 21% frente ao mesmo período de 2011. Apesar do aumento nas importações neste ano, de acordo com agentes, os estoques de passagem de polpa das indústrias ainda estão baixos, o que pode estimular o aumento da área cultivada no País, assim como as compras do produto estrangeiro em 2013.

Falta de chuva pode limitar produção do NE

A safra anual 2012/13 de tomate do Nordeste vai depender exclusivamente do regime de chuvas nos próximos meses. Fazem parte dessa temporada as regiões da Chapada Diamantina e Irecê (BA), Agreste Pernambucano, Serra da Ibiapaba (CE) e Guarapuava (PR). Os esforços feitos durante a safra 2011/12 para manter a produção no Nordeste, como a utilização de açudes e aprofundamento de poços para irrigação, não serão repetidos nesta temporada, segundo produtores. Assim, se o índice pluviométrico continuar baixo no início de 2013, o plantio deve ser dificultado em determinadas praças. Desta forma, a produção do mercado nordestino pode diminuir, podendo ainda deslocar-se para regiões que não tiveram problemas tão acentuados com a seca, como por exemplo, a Serra da Ibiapaba. Inicialmente, a área da safra anual deve ser reduzida em cerca de 3%, totalizando 4.360 hectares. Na Serra da Ibiapaba, a umidade esteve reduzida, mas não de forma severa. Já na região da Chapada Diamantina, as grandes infraestruturas dos produtores que cultivam hortifrutícolas devem, ao menos, conseguir manter a produção.



Fabício Quinalia Zagati e Stephanie Suarez Campoli são analistas do mercado de tomate. Entre em contato: hftomate@usp.br



CUIDADO



CÃO BRAVO

Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.syngenta.com.br



EFICIENTE NAS CULTURAS DE TOMATE, CEBOLA E BATATA.

RIDOMIL GOLD BRAVO

CUIDA DA SUA PLANTAÇÃO, PROTEGENDO SEMPRE E COMBATENDO QUANDO NECESSÁRIO.

Ridomil Gold Bravo é o pior inimigo para as principais doenças que atacam a sua plantação: no caso do tomate, a requeima. Isso porque ele é o único que combina dois ativos poderosos: um sistêmico e outro protetor. Além disso, ele é resistente à chuva e tem grande aderência na planta. Com Ridomil Gold Bravo, a sua plantação fica protegida e você fica tranquilo.

 **RidomilGold**[®]
Bravo

syngenta.

CLIMA É RESPONSÁVEL PELA REDUÇÃO DA ÁREA EM 2012

Números da cenoura em 2012

-50%

Redução de área na Bahia em 2012

215%

Preço de venda acima do custo médio das regiões da safra de inverno (julho a setembro)

R\$ 15,00/cx

Média de preço recebida pelo produtor na safra de verão 2011/12

-15%

Menor área da safra de inverno 2012

Menor área na safra de verão 2011/12 eleva preço

A safra de verão 2011/12 (de dezembro/11 a julho/12) propiciou bons resultados aos produtores de cenoura. Considerando-se todas as regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea (exceto a Bahia, que negocia a caixa de 20 kg), o produtor recebeu R\$ 15,00/cx “suja” de 29 kg, em média, na safra. Este valor é 66% superior ao mínimo estimado pelo produtor para cobrir os gastos com a cultura, tomando-se como base uma produtividade média de 49 toneladas por hectare. O maior preço da cenoura foi resultado da redução de 10,2% na área total da temporada de verão frente à de 2010/11. Essa redução esteve atrelada, principalmente, ao clima seco nas regiões produtoras, que limitou a irrigação. Na Bahia, somando-se as áreas de Irecê e de João Dourado, houve diminuição de 50% no cultivo em relação à safra de verão anterior. A menor área na Bahia esteve atrelada ao clima bastante seco – o estado ficou praticamente sem chuvas de outubro/11 até outubro/12. Além disso, o preço pago ao produtor baiano entre junho e julho/12 foi considerado pouco remunerador, o que desmotivou novos investimentos. Em Cristalina (GO), a redução foi de 16,4% frente à temporada anterior, devido à dificuldade de produtores em conseguir sementes híbridas e ao clima chuvoso em janeiro/12, que dificultou o plantio no início do ano. Já nas regiões produtoras do Paraná e de Minas Gerais, a área permaneceu estável. O Rio Grande do Sul foi o único estado onde houve aumento na área de cenoura, com incremento de 8,3% na safra de verão frente à anterior. A maior área no Sul do País deve-se aos elevados preços obtidos na temporada anterior, que estimulou produtores a investirem na cultura.

Sementes híbridas voltam a ser utilizadas na safra de verão 2012/13

A colheita da safra de verão 2012/13 deve iniciar em meados de dezembro na maioria das regiões produtoras. Neste ano, a estimativa é de que ocorra ligeira redução de 1,3% na área total cultivada frente à da última temporada. Essa queda esteve atrelada à diminuição de 10% na área do Cerrado goiano. É importante ressaltar que produtores da região goiana utilizaram as sementes híbridas para o plantio, que apresentam maior produtividade e que, por sua vez, pode compensar a redução na área. Vale lembrar que, na última safra, houve oferta insuficiente de sementes híbridas. Na Bahia, a manutenção da área cultivada dependerá do regime de chuvas na região – até o início de dezembro/12, chuvas haviam sido registradas, mas não em volume suficiente para possibilitar a normalização do plantio. Para as demais regiões, as apostas são de manutenção da área cultivada. Como neste ano não houve problemas para a obtenção de sementes híbridas, a perspectiva para a temporada 2012/13 é de produtividade maior em relação à última safra de verão, o que pode elevar a oferta de cenoura e, conseqüentemente, reduzir os preços do produto. Esse cenário, no entanto, vai depender do comportamento do clima daqui para frente. Além da oferta, o custo de produção também deve subir por conta da utilização de sementes híbridas, que possuem maior custo em comparação com as comuns.

Menor oferta na safra de inverno impulsiona cotação da cenoura

A safra de inverno 2012 de cenoura teve início em julho e deve ser finalizada em janeiro/13. Tudo indica

que a temporada deve encerrar com boa rentabilidade aos produtores. O motivo do cenário otimista da temporada tem sido a menor oferta, por conta da redução de área e da menor produtividade. Em termos de área, a queda no cultivo foi de 15%. Semelhante ao que ocorreu na safra de verão, as regiões baianas de Irecê e de João Dourado também tiveram redução de 50% no cultivo de inverno, em consequência do longo período de seca. Em Cristalina (GO), a redução na área foi de aproximadamente 10,2%. No Paraná, devido à margem estreita recebida dos produtores nas safras anteriores, também houve redução de 14,9% nesta safra de inverno. No Rio Grande do Sul, a queda na área foi de 10%, devido à migração de produtores “aventureiros” para outras culturas. Apenas em Minas Gerais que a área deste inverno é semelhante à da safra passada. Quanto à menor produtividade, esta se deu em função de adversidades climáticas durante o plantio, como as chuvas em Minas Gerais e Goiás e seca e frio no Rio Grande do Sul e Paraná, condições que, além de reduzi-

rem a produtividade, também atrasaram o desenvolvimento das cenouras. Com o baixo volume nacional da raiz para comercialização, sobretudo no início da temporada, as cotações registraram preços bastante elevados. Considerando-se todas as regiões produtoras, a média da caixa “suja” de 29 kg foi de R\$ 27,30 entre julho e setembro, 104% superior à do mesmo período de 2011 e 215% acima do valor mínimo para cobrir os gastos com a cultura. A maioria das regiões deve encerrar a colheita de inverno em dezembro, com exceção do Rio Grande do Sul, que finalizará a temporada em fevereiro/12. Já o plantio da safra de inverno 2013 está previsto para se iniciar no mês de março do próximo ano e a colheita no mês de julho. Em relação à área, a princípio produtores devem manter os investimentos realizados em 2012. Contudo, esta previsão pode se alterar até o início do plantio, já que as condições climáticas, o cenário de preços e a rentabilidade a ser obtida na safra de verão 2012/13 influenciarão no planejamento da temporada de inverno.



● **Marcella Benetti Ventura**
é analista de mercado de cenoura.
Entre em contato:
hfcenour@usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CENOURA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safra de inverno (julho a dezembro)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2011	2012	Variação %
Goiás	Cristalina	cenoura safra de inverno	845	745	-11,8%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de inverno	2.123	2.123	0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão segundo semestre	1.200	600	-50,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de inverno	940	800	-14,9%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de inverno	1.500	1.350	-10%

Safra de verão (julho a dezembro)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2011/12	2012/13**	Variação %
Goiás	Cristalina	cenoura safra de verão	1.300	1.170	-10%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de verão	5.660	5.660	0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão primeiro semestre	900	900	0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de verão	1.200	1.200	0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de verão	650	650	0%

**Estimativa feita em novembro/2012

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

APÓS FRACO DESEMPE RENTABILIDADE FEC

Números da batata em 2012

-31%

Preço de venda **abaixo**
do custo médio no Paraná na
safra das águas 2011/12

+150%

Alta do preço ao produtor
em Vargem Grande do Sul
(de 2011 para 2012)

R\$ 71,27/cx
de 50kg

Maior média mensal
do ano na Ceagesp (setembro)

+25%

Aumento na taxa de
importação da batata
processada da União Europeia

Safra das águas registra segundo ano de baixa rentabilidade

Mesmo com a redução de 12% na área cultivada com batata na safra das águas 2011/12 em relação à temporada anterior, no geral, produtores tiveram rentabilidade negativa entre dezembro de 2011 e abril de 2012. Vale lembrar que, em 2010 e 2011, houve aumento de área e, apesar do recuo em 2012, a produção ainda foi superior à demanda, principalmente até fevereiro/12, por conta da maior produtividade. Além da maior oferta, a baixa qualidade em algumas regiões e em determinados períodos da safra também pressionou as cotações e, conseqüentemente, a rentabilidade. No Paraná, por exemplo, a média de preço recebido pelo produtor esteve 31% abaixo do custo médio estimado da cultura. A partir de março, houve quebra de produtividade, elevando os custos e reduzindo ainda mais a rentabilidade do produtor. É importante ressaltar, ainda, que o aumento no consumo de batata processada vem diminuindo a demanda pelo produto *in natura*. Considerando-se toda a safra, apenas em janeiro os preços recebidos ficaram acima do custo médio estimado pelos produtores.

Resultados na safra das secas são distintos entre regiões

A rentabilidade observada na safra das secas de 2012, que foi iniciada em maio e finalizada em agosto, variou significativamente de região para região. Considerando-se todas as praças, a área plantada em 2012 foi 5,6% inferior à cultivada em 2011 – reflexo da descapitalização de produtores, após sucessivos resultados negativos. Dentre as regiões produtoras da temporada das secas, o Sul de Minas Gerais apresen-

tou resultados mais favoráveis ao bataticultor. A colheita na praça mineira foi mais escalonada, mesmo não tendo registrado quebra de safra. Na média da temporada, o preço ao produtor do Sul de Minas foi 23% maior que o mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Quanto às regiões paranaenses de Curitiba e de São Mateus do Sul, o resultado médio foi ligeiramente positivo, mas variou para cada produtor. Bataticultores que colheram no início da safra registraram resultados insatisfatórios, devido aos baixos preços no período (maio), enquanto os que ofertaram no final da temporada obtiveram melhor resultado. No Sudoeste Paulista e em Ibiraiaras/Santa Maria (RS), o clima desfavorável prejudicou a produtividade, ocasionando resultados negativos na safra das secas. Em relação à safra das secas de 2013, as diferenças nos resultados obtidos em 2012 devem influenciar a decisão de aumento ou não no cultivo da batata.

Quebra de safra garante bons preços ao produtor na temporada de inverno

Após um longo período de rentabilidade negativa, a safra de inverno 2012 (de julho a novembro) registrou excelentes resultados, superando, inclusive, as expectativas de bataticultores. Em relação a 2011, a área variou pouco, sendo 1,3% menor, considerando-se as regiões de Vargem Grande do Sul (SP), Sul de Minas Gerais, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Sudoeste Paulista e Cristalina (GO). O ligeiro recuo na área e, principalmente, a quebra de produtividade em Vargem Grande do Sul reduziram a oferta no mercado e, conseqüentemente, elevaram os preços durante a temporada. Em Vargem Grande do Sul, o valor médio da batata ágata pago ao produtor foi de R\$ 46,44/

NHO NO 1º SEMESTRE, HA POSITIVA NO 2º

sc de 50 kg (de julho a novembro), 150% acima do valor do mesmo período do ano passado e 46% superior custo médio estimado por bataticultores para cobrir os gastos com a cultura. No Sul de Minas, no mesmo período, rentabilidade unitária (por caixa) também foi elevada, com a média de preço 55% acima dos custos. No Sudoeste Paulista e no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, que ofertaram o tubérculo principalmente em outubro e novembro, as cotações também remuneraram os bataticultores, mesmo considerando-se a ligeira queda no final da safra. A região de Cristalina, que registrou baixos preços no início da colheita, também deve fechar a temporada com a rentabilidade positiva. No atacado paulistano (Ceagesp), os preços da batata também estiveram elevados no correr da safra, atingindo a maior média em setembro, de R\$ 71,27/cx de 50 kg.

Aumento na taxa de importação pode favorecer indústria brasileira

Para aumentar a competitividade da batata nacional, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) elevou, desde o dia 1º de outubro, a taxa de imposto de importação para uma lista de 100 produtos, dentre eles a batata processada, que teve tributação ajustada de 14% para 25%. Com o aumento da taxa, o produto da União Europeia deve chegar ao mercado brasileiro a preços um pouco mais elevados, favorecendo tanto a competitividade da batata brasileira quanto a entrada de batatas processadas provenientes da Argentina, país livre de taxaço. Segundo agentes do setor, o impacto dessa mudança no mercado doméstico ainda é incerto. De janeiro a novembro, o volume de importações brasileiras de batata processada foi praticamente estável frente ao mesmo perí-

odo de 2011, com modesto incremento de 1%, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Os gastos com as importações, por sua vez, foram 10% menores na mesma comparação, devido à redução na entrada de batatas do Mercosul, as quais têm maior custo, e à entrada do produto europeu, com preços mais competitivos. O governo europeu subsidia a matéria-prima para o produtor, o que torna o preço da batata importada da Europa mais atrativo. Com relação à indústria brasileira de batatas processadas, há expectativa de crescimento na produção para 2013.

Oferta deve ser menor nos primeiros meses de 2013

A área da safra das águas 2012/13 deve reduzir 4,4%, devido aos resultados insatisfatórios em 2010/11 e em 2011/12, que deixaram alguns produtores descapitalizados. Vale lembrar que essa é a segunda queda consecutiva na área. Esse cenário, por sua vez, deve reduzir a oferta de batata nos primeiros meses de 2013. As principais regiões que devem diminuir a área são as que colhem até fevereiro/13, como o Sul de Minas Gerais, as paranaenses, Curitiba, São Mateus do Sul e Guarapuava, e Ibiraiaras/Santa Maria (RS). Para as regiões que colhem posteriormente, como o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Água Doce (SC), Bom Jesus (RS), e novamente Guarapuava, com sua segunda safra, o cultivo deverá ser praticamente estável ao da última temporada. Além da redução de área, algumas regiões podem registrar quebra de produtividade no início da colheita, em dezembro – no Paraná, o clima seco entre setembro e outubro dificultou o desenvolvimento do tubérculo em áreas que não possuem irrigação. Já nas regiões ofertantes a partir de março, a produtividade dependerá do comportamento do clima.



Stephanie Suarez Campoli e Rodrigo Moreira Ramos são analistas do mercado de batata. Entre em contato: hfbatata@usp.br



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BATATA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safrinha das secas e safrinha de inverno (junho a novembro)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2011	2012	Varição (%)
Vargem Grande do Sul (SP) - inverno	Vargem Grande do Sul, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Aguai, Casa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa, Itobi, São José do Rio Pardo e Porto Ferreira	10.400	11.450	10%
Sudoeste Paulista - seca	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.700	2.400	-11%
Sudoeste Paulista - inverno	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	3.000	2.830	-6%
Curitiba (PR)	Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	3.600	3.207	-11%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	1.800	1.800	0%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.400	1.300	-7%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guarimiranga e Inácio Martins	900	900	0%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	6.000	5.220	-13%
Mucugê (BA) e Chapada Diamantina (BA)	Mucugê e Ibicoara	6.300	5.925	-6%
Sul de Minas Gerais (seca + inverno)	Sul de Minas Gerais ¹	9.700	9.250	-5%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	3.000	3.000	0%
Ibiraíaras (RS)	Ibiraíaras e Santa Maria	1.425	1.295	-9%

Safrinha das águas (dezembro a maio)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2011/12	2012/13**	Varição (%)
Sul de Minas Gerais	Sul de Minas Gerais ¹	10.750	9.900	-8%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	12.770	12.770	0%
Guarapuava (PR) 1º e 2º safrinha	Guarapuava, Campina do Simão, Cândoi, Foz do Jordão, Pinhão, Prudentópolis e Reserva do Iguçu	4.500	4.300	-4%
Curitiba (PR)	Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	6.290	5.590	-11%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.300	2.300	0%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guarimiranga e Inácio Martins	1.290	1.280	-1%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	2.015	1.660	-18%
Santa Catarina	Água Doce (SC) e Palmas (PR)	6.780	6.680	-1%
Rio Grande do Sul	Bom Jesus, São José dos Ausentes, Ibiraíaras, Santa Maria e São Francisco de Paula	7.330	7.150	-2%

¹ Cambuí, Pousos Alegre, Ipuíuna, Poços de Caldas, Areado, Bom Repouso, Camanducaia, Senador Amaral, Maria da Fé, Bueno Brandão, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Andradas, Alfenas, Alterosa, Serrania, Machado, Paraguaçu, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, São Bento do Abade, Santa Rita de Caldas e Congonhal.
**Estimativa feita em novembro/2012.

CHUVAS IRRELONGO DO ANO IN

Números da alface em 2012

+215%

Volume de chuva em junho em Ibiúna acima da normal climatológica

R\$ 28,63

Maior preço médio da caixa de alface crespa na Ceagesp (junho)

R\$ 7,67

Menor preço médio da caixa de alface crespa na Ceagesp (outubro)

37%

Nível de água disponível no reservatório paulistano em outubro

Oferta elevada pressionou valores na safra de verão 2011/12

Os preços das folhosas foram pressionados pela oferta elevada durante grande parte da safra de verão 2011/12 (de dezembro/11 a maio/12). O baixo volume de chuva nas regiões paulistas de Ibiúna (que inclui os municípios de Piedade e Vargem Grande Paulista) e de Mogi das Cruzes (Biritiba Mirim, Saleópolis e Suzano) elevou a produtividade das lavouras, aumentando, conseqüentemente, a oferta das folhosas. Vale ressaltar que, quando as chuvas ocorreram, foram de forma irregulares. Essa má distribuição das chuvas foi influenciada, principalmente, pelo fenômeno *La Niña*, que atuou fortemente entre dezembro/11 e abril/12. A média de chuvas no verão 2011/12 nas duas regiões paulistas foi a menor em comparação com a mesma estação dos últimos cinco anos, segundo dados da Tempo Agora. Assim, nem mesmo o consumo mais aquecido, por conta das temperaturas elevadas, foi suficiente para escoar todo o volume de folhosas no mercado e elevar os preços durante o verão. Entre dezembro/11 e maio/12, a alface crespa na Ceagesp teve média de R\$ 11,09/cx 24 unidades, a lisa de R\$ 12,56/cx 24 unidades e a americana, de R\$ 14,14/cx 18 unidades – valores considerados baixos por produtores. Vale ressaltar, no entanto, que os elevados patamares atingidos em maio para todas as variedades de alface evitaram uma média ainda menor. Em maio/12, o volume de folhosas nas duas regiões paulistas ofertantes esteve bastante reduzido, já que os baixos preços do início do ano desanimaram produtores que, por sua vez, reduziram os investimentos para a parte final da temporada de verão.

Baixa produtividade valoriza folhosas no início do inverno

O transplante da safra de inverno 2012 em Ibiúna e Mogi das Cruzes (SP) iniciou em ritmo lento em abril, se estendendo até o início de outubro. As atividades de colheita começaram em junho. Com o desânimo dos produtores por conta dos resultados insatisfatórios da temporada de verão, o volume ofertado esteve reduzido nos primeiros meses da safra de inverno, impulsionando fortemente as cotações das folhosas. Além disso, o clima chuvoso no estado de São Paulo, sobretudo em junho (quando a média pluviométrica em Ibiúna foi 215% superior à normal climatológica regional – dados da Tempo Agora), elevou a incidência de doenças bacterianas e fúngicas em Mogi das Cruzes e em Ibiúna, reduzindo a produtividade das lavouras. Naquele mês (junho), a média de preços da caixa com 24 unidades de alface crespa foi de R\$ 28,63, o maior preço de 2012. Aliadas às precipitações, as menores temperaturas e a baixa incidência de sol retardaram o desenvolvimento das folhosas, resultando em alfaces de tamanho reduzido. De junho a julho, a média da crespa na Ceagesp foi de R\$ 27,31/cx 24 unidades. No mesmo período, a variedade lisa teve média de R\$ 25,09/cx 24 unidades e, a americana, de R\$ 27,48/cx 18 unidades, também no atacado paulistano. Com a intensificação do plantio em meados de julho, somado ao clima favorável, a oferta de alfaces voltou a aumentar, pressionando significativamente as cotações nos meses seguintes. Assim,



GULARES AO FLUENCIAM PREÇO

em outubro, a caixa com 24 unidades de alface crespa foi vendida à média de R\$ 7,67, o menor preço da temporada de inverno. Na safra de inverno (junho-novembro), a alface crespa Ceagesp teve média de R\$ 15,33/cx 24 unidades, a lisa, de R\$ 14,65/cx de 24 unidades e a americana, de R\$ 15,90/cx de 18 unidades (Ceagesp).

Produtores mantêm investimentos para 2013

Apesar dos baixos preços registrados na última safra de verão (2011/12), produtores afirmam que os investimentos para a temporada 2012/13 devem se manter estáveis tanto na região de Ibiúna quanto na de Mogi das Cruzes (SP). Assim, a expectativa é de que a área cultivada na temporada de verão 2012/13 seja de 5.088 hectares em Ibiúna e de 3.900 hectares em Mogi das Cruzes, totalizando 8.988 hectares. Essa manutenção de área foi possível porque grande parte dos alfacicultores escoou sua produção na forma de contratos para redes de supermercados, principalmente os produtores de Mogi das Cruzes. Produtores que comercializam seus produtos para atacados e feiras, que são principalmente os da região de Ibiúna, também devem manter a área, e estão apostando em bons



Marcella Benetti Ventura e Renata Pozelli Sabio são analistas de mercado de folhosas.

Entre em contato:

hfolhosa@usp.br



preços. O transplântio da safra de verão 2012/13 teve início em outubro, mas o clima seco dificultou as atividades naquele mês. De acordo com dados da Sabesp, em outubro, o nível das represas do Sistema Alto Tietê, que abastece parte das regiões produtoras, era de apenas 37% da capacidade, enquanto que, no mesmo período do ano passado, o volume preenchia 60% da capacidade total. No início de dezembro alguns produtores começaram a colher as alfaces, mas ainda em ritmo lento – as atividades devem ser intensificadas em janeiro/13.

Folhosas - preços coletados pelo Cepea - 2011 a 2012

Preços médios recebidos por produtores e atacadistas
(R\$/cx com 24 unidades para crespa e lisa e R\$/cx com 18 unidades para americana)

Variedade	Nível	Região	2011												
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
alface crespa	R\$/cx 24 unidades	Ceagesp (SP)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9,40	7,25	7,25
alface lisa	R\$/cx 24 unidades	Ceagesp (SP)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11,20	9,93	11,67
alface americana	R\$/cx 18 unidades	Ceagesp (SP)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11,00	13,07	11,67

Variedade	Nível	Região	2012											
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ*
alface crespa	R\$/cx 24 unidades	Ceagesp (SP)	7,51	9,8	10,19	10,24	21,52	28,63	26	13,29	7,98	7,51	8,62	10,79
alface lisa	R\$/cx 24 unidades	Ceagesp (SP)	9,81	11,69	10,97	10,96	20,25	26,54	23,65	12,93	8,23	7,87	8,73	10,92
alface americana	R\$/cx 18 unidades	Ceagesp (SP)	10,4	13,09	14,78	12,01	22,91	28,88	26,08	13,58	8,44	7,71	10,75	13,61

* A média de dezembro/12 é a parcial até o dia 07.

Fonte: Cepea

MAIOR OFERTA LIMITA GANHAS MAS FAVORECE

Números de melão em 2012

+19%

Elevação no volume exportado na temporada 2011/12 frente à anterior

+26%

Aumento na produtividade média do Vale do São Francisco entre o 1º sem de 2011 e o de 2012

-17%

Queda nos preços no Vale do São Francisco em 2012 frente 2011 (1º semestre)

+1,8%

Aumento na área cultivada no RN/CE para a safra 2012/13

Clima surpreende e eleva produtividade no 1º semestre

O desempenho da safra de melão do Vale do São Francisco é geralmente definido no primeiro semestre, sobretudo no período de entressafra do Rio Grande do Norte/Ceará (abril a julho). Para esses meses de 2012, a expectativa era de que o fenômeno *La Niña* trouxesse chuvas acima da média no Nordeste, de modo que as atividades de campo do RN/CE foram reduzidas. Porém, o *La Niña* teve baixo impacto sobre o regime hídrico das regiões produtoras de melão, e o clima foi predominantemente seco. Esse cenário favoreceu produtores do Vale, visto que a produtividade das lavouras aumentou 26% justamente nos meses em que a região foi praticamente a única a ofertar no País. No primeiro semestre, a produtividade do melão amarelo na região foi, em média, 25% acima do registrado nos mesmos meses de 2011. Porém, mesmo com a baixa oferta do RN/CE, o elevado volume do Vale resultou em cotações 17% inferiores na mesma comparação. Ainda assim, os preços se mantiveram acima da estimativa de custo de produtores, de modo que, no balanço do primeiro semestre, o desempenho foi considerado favorável ao melonicultor do Vale do São Francisco.

Vale aumenta vendas no mercado nordestino

Muitos produtores do Vale do São Francisco reduziram o volume cultivado da fruta no segundo semestre por conta do início da safra do RN/CE. Devido à forte concorrência com o polo produtor, melonicultores do Vale que atuaram no período enfrentaram dificuldades de escoamento. De modo geral, os valores oferecidos por compradores do Sudeste eram considerados pouco remunerado-

res. Dessa forma, produtores do Vale escoaram o produto para o próprio Nordeste e também Centro-Oeste, menos abastecidos pelo RN/CE. Neste final de ano, o Vale volta a colher volume elevado da fruta, com o objetivo de atender a demanda do Sudeste, que é aquecida no período. O desempenho da comercialização na época de festas, por sua vez, deve ser determinante quanto à capacidade de investimento em área na região em 2013.

Área tem leve aumento no RN/CE

A área total cultivada com melão na região produtora do RN/CE é de 11.702 hectares na safra 2012/13, segundo levantamentos do Cepea. Essa área é 1,8% superior à da temporada passada, sendo que o aumento foi atribuído a grandes produtores da região. De modo geral, estes agentes apostaram em embarques satisfatórios e no aquecimento do consumo no próprio País. A maior produtividade, porém, limitou os preços recebidos por produtores no mercado doméstico, assim como observado no Vale do São Francisco. Em agosto, a média de preços recebidos pelos produtores do RN/CE pelo melão amarelo tipo 6-7, posto em São Paulo, foi de R\$ 15,38/cx de 13 kg, 11% abaixo do valor comercializado no mesmo mês de 2011. Essa média é apenas 3% superior ao valor mínimo estimado por produtores para cobrir os custos no período. Assim, a capacidade de investimento no próximo ano pode ser limitada no caso de produtores que dependem dos resultados da comercialização no mercado nacional.

Seca no RN/CE preocupa melonicultores

A ausência de chuvas é benéfica

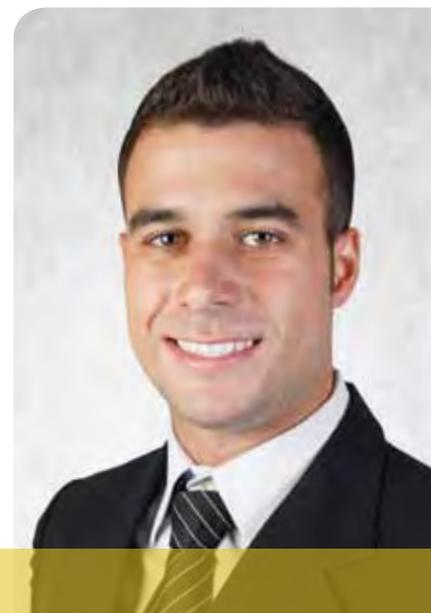
HOS NO MERCADO INTERNO, EXPORTAÇÃO

para o cultivo de melão, uma vez que elas prejudicam tanto a qualidade da fruta quanto a produtividade. No entanto, a falta de precipitações ao longo do primeiro semestre deste ano prejudicou as reservas hídricas da região. A normal climatológica para Mossoró (RN) é de 675 mm na primeira metade do ano. Porém, segundo o portal Tempo Agora, apenas 138 mm foram registrados de janeiro a junho de 2012. Ainda que tenham ocorrido chuvas pontuais de setembro a novembro, não foram suficientes para recompor as reservas de água. Boa parte dos produtores utiliza a água de poços artesianos para a realização de algumas atividades, como irrigação das lavouras. Com a seca, boa parte dos poços está com pouca vazão e apresenta salinidade elevada. Isso prejudica o cultivo e afeta o tamanho dos frutos. Além disso, prejudica a realização de tratamentos fitossanitários, elevando a incidência de pragas, como as moscas minadora e branca.

Resultados parciais indicam exportação firme em 2012/13

Produtores do RN/CE tiveram bons resultados com a temporada de exportações 2011/12, que ocorreu entre agosto/11 e março/12, quando foi embarcado volume 19% maior que o da safra

anterior. Para a atual (2012/13), a perspectiva inicial quanto aos envios para o mercado europeu, em termos de volume e receita, também era bastante positiva. O principal fator que sustentava esse cenário era o fechamento de contratos de exportação um pouco mais volumosos, devido à menor oferta da Espanha. Além disso, o clima seco no polo produtor resultou em produtividade e qualidade, de modo geral, satisfatórias, o que favoreceu os embarques no início da temporada. A partir de outubro, porém, a alta salinidade da água utilizada para irrigação limitou o desempenho da colheita e, conseqüentemente, as exportações. Segundo dados da Secex, no acumulado da temporada (agosto a outubro/12), foram enviadas 66,5 mil toneladas da fruta, que geraram receita de US\$ 51,7 milhões. Estes valores são semelhantes aos observados nos mesmos meses de 2011. A safra brasileira se encerra apenas em abril/13 e, a partir do início do próximo ano, exportadores do Brasil começam a enfrentar a concorrência com países da América Central, como Costa Rica, Honduras e Panamá, que devem ofertar na Europa. De qualquer forma, a atual temporada de exportação deve fechar positiva. Para a safra 2013/14, ainda é cedo para perspectivas, visto que os contratos de exportação são iniciados apenas no final da temporada corrente.



Guilherme Ramalho dos Santos é analista de mercado de melão.

Entre em contato: hfmelao@usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELÃO*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011	2012	Variação
Vale do São Francisco	Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Floresta (PE); Juazeiro e Curaçá (BA)	2.000	2.000	0%
Região (safra de agosto a março)	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011/12	2012/13	Variação
Rio Grande do Norte e Ceará	Mossoró, Baraúna e Apodi (RN); Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré (CE)	11.493	11.702	1,8%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

PRODUÇÃO VOLUMOSA E INDÚSTRIA RETRAÍDA DERRUBAM PREÇOS EM 2012

Números de citros em 2012

R\$ **5,60** /CX

Média da pera entre agosto e outubro/12,
a menor para o período desde 2000

662,4
mil t

Volume de suco de laranja brasileiro em estoque no início da safra 2012/13

+5%

Aumento da safra 2012/13 da Flórida frente à anterior (USDA, novembro)

-28%

Queda no preço médio da tahiti de janeiro a novembro/12 frente ao mesmo período de 2011

Indústria reduz processamento na safra 2012/13

A safra 2012/13 de São Paulo e do Triângulo Mineiro foi volumosa. A Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR) apontou, em maio, que a produção comercial dessas duas praças seria de 364 milhões de caixas de 40,8 kg, volume 15% menor que o de 2011/12. Apesar de inferior à passada, a atual temporada tem registrado um excedente de produção, por conta da forte retração de compras de laranjas por parte das indústrias. O principal motivo para a menor demanda industrial seria o elevado estoque de suco nas mãos de processadoras paulistas no início da temporada. Em junho, a CitrusBR estimou que o volume total de suco estocado era de 662,4 mil toneladas em equivalente concentrado. Vale lembrar, no entanto, que, com a prorrogação da Linha Especial de Crédito (LEC), 311 mil toneladas devem ficar retidas no Brasil por mais 24 meses desde que a LEC foi prorrogada, no primeiro semestre de 2012. Neste cenário, tem se concretizado uma temporada com resultados negativos ao produtor; por outro lado, também na safra 2012/13, houve avanços importantes no âmbito de apoios governamentais, o que tem amenizado, ainda que pontualmente, a descapitalização do setor produtivo.

Em meio à crise, governo realiza leilões de PEP e Pepero para a laranja

Com o cenário de crise na citricultura, o governo federal criou medidas públicas de auxílio ao setor, na tentativa de minimizar as perdas, tanto monetárias como quantitativas. O auxílio mais significativo tem vindo dos leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepero) e de Prêmio para Escoamento do Produto (PEP). Para essas operações, o preço mínimo de-

finido pelo governo, em R\$ 10,10/cx, foi levado em consideração. Até o fechamento desta edição, nove leilões de Pepero tinham ocorrido, beneficiando mais de 22,4 milhões de caixas, totalizando auxílio de mais de R\$ 90 milhões do governo federal. Quanto ao PEP, até o início de dezembro, cinco operações ocorreram, contemplando 237 mil caixas. Além das políticas de prêmios e da prorrogação da LEC, houve renegociação de dívidas de citricultores. Também foi aprovada uma linha especial para a manutenção de pomares.

Preço da pera no mercado de mesa registra menor patamar em 12 anos

A retração na demanda industrial pela laranja na safra 2012/13 influenciou o mercado de fruta fresca. Isso porque boa parte da fruta, que seria normalmente destinada ao processamento, teve de ser redirecionada ao mercado de mesa, elevando o volume de fruta disponível. Este cenário pressionou consideravelmente as cotações da laranja no segmento *in natura*. Para a laranja pera, por exemplo, a média dos meses de maior oferta – de agosto a outubro – foi de R\$ 5,60/cx de 40,8 kg na árvore, o menor patamar já observado para o período desde 2000, em termos nominais. Para as variedades precoces, os preços estiveram ainda menores. No período de maio a julho, a variedade hamlin teve média de R\$ 4,96/cx, na árvore. Parte dos produtores comentou que algumas precoces chegaram a ser negociadas a R\$ 2,00/cx. Quanto às tardias, a remuneração também esteve reduzida, sendo que, para a valência, a média de setembro a novembro foi de R\$ 4,00/cx, na árvore, valor 51,1% inferior ao observado no mesmo período de 2011. Com as perdas elevadas e a baixa remuneração nesta safra, produtores paulistas se mostraram desanimados com a cultura, erradicando parte dos pomares e em busca de outras atividades mais rentáveis.

TALSTAR®

100 EC

Mais economia e proteção, para seu pomar ficar sempre em alta.

- Ação prolongada
- Melhor relação custo-benefício
- Evita o desequilíbrio de ácaros

TALSTAR. EXTRAPROTEÇÃO,
ECONOMIA EXTRA.



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



fmcagricola.com.br

FMC

Fazendo Mais pelo Campo

Desenvolvimento de florada é limitado em regiões paulistas

A abertura de floradas referentes à safra paulista 2013/14 começou a ser verificada entre julho e agosto. A baixa remuneração neste ano, porém, desestimulou os tratos culturais nos pomares, o que pode comprometer parcialmente o desenvolvimento da próxima temporada. Além disso, a estiagem nos meses de agosto e setembro limitou a florada em algumas regiões paulistas. Em outubro, também não choveu como o esperado. Até o momento, as apostas estão divididas. Alguns produtores acreditam que a produção possa ser volumosa novamente, enquanto outros comentam que a produtividade pode estar comprometida. O cenário deve estar mais claro no início de 2013.

Implementação do Consecitrus é suspensa

Após anos de discussão, em 2012, houve avanço no que diz respeito à criação do Conselho dos Produtores de Laranja e das Indústrias de Suco de Laranja (Consecitrus). Porém, no dia 21 de novembro, o Cade suspendeu a proposta. Assim, dificilmente, haverá tempo hábil para o Conselho ser implantado na próxima temporada (2013/14). Segundo a assessoria do Cade, a decisão foi baseada em um pedido feito pela Faesp. Isso porque indústrias estariam afirmando a produtores que o Conselho entraria em vigor já na safra 2013/14, quando, na realidade, o modelo ainda estava em análise. Para as indústrias, o principal receio diante da suspensão é que a criação do Consecitrus fosse uma das condições apresentadas pelo próprio Cade para autorizar a fusão entre as processadoras Citrosuco e Citrovita. Com isso, caso não seja aprovado o Consecitrus, a fusão das duas indústrias pode ser revisada.

ESTATÍSTICA DE OFERTA - CITROS*

SÃO PAULO (safra comercial: julho a junho)		2010/11 (a)	2011/12 (b)	2012/13 (c)	Varição c/b (%)
Produção ¹	milhões de caixas	297,5	428,0	364,0	-15,0%
Produtividade	caixas/pé	1,63	2,11	1,91	-9,7%
Pés em Produção ²	milhões de árvores	182,3	202,4	190,7	-5,8%
Produção de Suco ³	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	1.017,3	1.489,42	1.103,06	-25,9%
Exportações de Suco ³	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	1.165,0	1.200,0	1.200,0	0,0%
Estoque de Passagem ⁴	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	214,0	662,4	565,46	-14,6%

¹ Safra 2010/11 dados da Conab/IEA. Safra 2011/12 e 2012/13 dados da CitrusBR, considerando a produção paulista e do Triângulo Mineiro.

² Dados do IEA.

³ Estimativas das autoras com base nas estatísticas de exportação de suco e produção de laranja.

⁴ Dados da CitrusBR referente aos estoques totais da indústria de suco (localizados no Brasil e no exterior). Nas safras 2011/12 e 2012/13 estão incluídas as

³ 11 mil toneladas retidas pela LEC.

* Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ.

(c) Previsão (dez/2012).

FLÓRIDA (safra comercial: outubro a setembro)		2010/11 (a)	2011/12 (b)	2012/13 (c)	Varição c/b (%)
Produção ¹	milhões de caixas	140,3	146,6	154,0	5,0%
Produtividade ¹	caixas/pé	2,4	2,5	2,4	-5,8%
Pés em Produção ¹	milhões de árvores	59,6	58,2	64,9	11,5%
Disponibilidade de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	1.070,2	1.009,2	1.046,6	3,7%
Vendas ²	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	793,0	702,0	762,1	8,6%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	276,7	306,7	284,0	-7,4%

¹ Estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

² Baseado na publicação mensal "Florida Citrus Economic & Market Indicators", do Departamento de Citros da Flórida.

* Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ.

(c) Previsão (nov/2012). O número de plantas refere-se a estatística publicada em setembro de 2012.

Safra maior na Flórida e estoque elevado podem limitar demanda por suco

A safra 2012/13 de laranja da Flórida, que iniciou oficialmente em outubro, deve ser 5% maior que a temporada 2011/12, totalizando 154 milhões de caixas de 40,8 kg, de acordo com a estimativa de novembro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Além disso, dados de Processadores de Citros da Flórida sinalizam que os estoques norte-americanos de suco concentrado estão maiores. No relatório divulgado em 29 de novembro, os estoques estavam 28% superiores aos do mesmo período de 2011. Neste cenário, a demanda norte-americana pelo suco brasileiro pode ser limitada.

Carbendazim reduz exportação brasileira aos EUA em 2012

As exportações brasileiras de suco para os EUA registraram bom ritmo no segundo semestre de 2011. Em janeiro de 2012, no entanto, uma engarrafadora norte-americana encontrou no suco brasileiro resíduos de *carbendazim* acima do tolerado. Após o episódio, autoridades norte-americanas passaram a analisar toda carga importada pelo país, permitindo a entrada somente das que contivessem nível do princípio ativo inferior a 10 partes por bilhão. Com isso, a partir de janeiro, o ritmo dos embarques brasileiros aos EUA reduziu. Segundo dados Secex, de janeiro a junho/12, o Brasil embarcou aos EUA 29,4 mil toneladas (em equivalente suco concentrado), bem menos que as 124,2 toneladas que haviam sido embarcadas no semestre anterior (julho a dezembro/11). Já quanto aos envios brasileiros a todos os destinos, na safra 2011/12, em relação à temporada 2010/11, houve recuo de 1% no volume, mas alta de 17% na receita. Para a safra 2012/13, a perspectiva é de que as exportações brasileiras aos EUA voltem a ganhar ritmo. Até outubro/12, foi observada certa recuperação no ritmo dos em-



Caroline Ochiuse Lorenzi,
Marta Berto Campos e Mayra Monteiro Viana
são analistas de mercado de citros.
Entre em contato:
hfcitros@usp.br

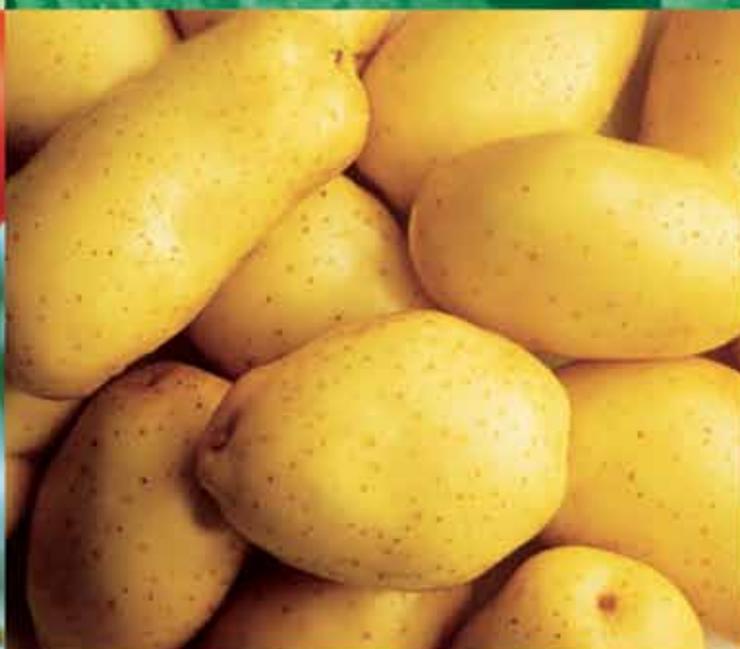
barques ao país, à medida que indústrias paulistas iam se adequando às restrições impostas.

Preços da tahiti em 2012 são inferiores aos de 2011

Os preços da lima ácida tahiti recebidos por produtores paulistas em 2012 ficaram abaixo dos observados em 2011. A oferta da fruta foi elevada ao longo de quase todo o primeiro semestre de 2012, e as cotações começaram a se recuperar com mais intensidade apenas a partir de agosto. Mesmo assim, na média do ano (de janeiro a novembro), o preço médio da tahiti foi 28% menor que o observado no mesmo período de 2011. Para a próxima safra, o calendário de colheita e o volume da produção ainda estão incertos, já que o baixo volume de chuvas na maior parte do estado de São Paulo tem limitado o desenvolvimento da fruta. Com relação às exportações da fruta *in natura*, de acordo com a Secex, de janeiro a outubro, o Brasil embarcou 62,3 mil toneladas da fruta, 13,1% a mais que no mesmo período de 2011. Porém, em termos de receita, houve queda de 7,9% na mesma comparação, totalizando US\$ 50,3 milhões em 2012. O principal destino da tahiti brasileira é o mercado europeu.



Você trabalha
até na chuva.
Seu fungicida
deveria fazer
o mesmo.



© Syngenta, 2011.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br





Revus é uma solução inovadora para o controle preventivo da requeima na batata e no tomate e do mildio no melão, na melancia, no pepino, na alface e na cebola. É o único fungicida que tem a tecnologia LOK+FLO, que combina a superaderência às folhas com o efeito fungicida translaminar, promovendo maior resistência à lavagem por chuva e prolongando o efeito residual em condições climáticas adversas. Use Revus, o fungicida que você pode confiar.



Proteção eficaz mesmo com chuva.



syngenta.



COM OFERTA CONTROLADA MAÇÃ BRASILEIRA

Números da maçã em 2011

-14%

Queda no volume destinado à indústria na safra 2011/12 frente 2010/11

+19%

Valorização da gala graúda Cat 1 ao produtor de janeiro a novembro/2012 frente ao mesmo período de 2011

+48%

Aumento no volume exportado em 2012 (janeiro-outubro) em relação a 2011

-40%

Redução no volume importado pelo Brasil neste ano (até outubro)

Menor volume e boa qualidade da maçã produzida em 2011/12 sustentam preço

Produtores de maçã do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina vinham enfrentando dificuldades quanto à rentabilidade nos últimos anos. Isso ocorria devido aos constantes problemas climáticos nos pomares do Sul. Já na última safra (2011/12), o clima foi favorável na maior parte do período de desenvolvimento da fruta, elevando a qualidade da maçã. Porém, chuvas de granizo no final de 2011 e em fevereiro de 2012 limitaram o volume produzido. Assim, a temporada 2011/12 totalizou 1,1 milhão de toneladas, 3% inferior à safra anterior, segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores de Maçã (ABPM). Consequentemente, o volume destinado à indústria foi menor. De janeiro até setembro, cerca de 300 mil toneladas da fruta foram enviadas à indústria, ainda segundo a ABPM, redução de 14% frente ao mesmo período de 2011. A produção de um maior volume de frutas mais remuneradoras, como a Cat 1, garantiu uma recuperação no desempenho do setor neste ano. Além disso, por conta da qualidade favorável, produtores conseguiram estender a oferta de maçã gala, por exemplo, por cerca de dois meses neste ano – em dezembro, parte das empresas ainda contava com volume da variedade para comercialização. No geral, os preços se mantiveram em patamares acima dos registrados em 2011. Na soma de janeiro a novembro deste ano, a valorização da gala graúda Cat 1 foi de 19% frente ao mesmo período de 2011.

Área da próxima safra do Sul deve ter nova redução

A área que foi cultivada no Sul

do País na safra 2011/12 reduziu quase 10% frente à anterior e, para a temporada 2012/13, agentes acreditam em nova diminuição. Em 2011/12, a redução esteve atrelada à baixa rentabilidade obtida pela pomicultura nos últimos anos. No entanto, muitos produtores têm adensado os pomares, permitindo maior número de macieiras por hectare e, consequentemente, limitando a diminuição da produção por hectare no médio prazo. Apesar disso, o clima ainda foi um pouco desfavorável (granizo) e acabou reduzindo o volume de maçãs disponíveis para negociação no correr de 2012. A menor quantidade de fruta, por sua vez, elevou os preços do produto. Esse cenário gerou a expectativa inicial de manutenção da área para a temporada seguinte (2012/13). Porém, uma empresa da região de Fraiburgo (SC) optou, estrategicamente, por reduzir a área cultivada, no intuito de diminuir os riscos provocados por eventuais contratemplos climáticos. Desse modo, a área total cultivada na safra 2012/13, conforme levantamentos do Cepea, pode reduzir cerca de 1,5% frente à anterior.

Brasil volta a ser exportador líquido de maçã

Depois do fraco desempenho de 2011, as exportações brasileiras de maçã voltaram a crescer em 2012. Já as importações reduziram, fazendo com que o Brasil voltasse a ser exportador líquido da fruta. De janeiro a outubro/12, o Brasil exportou 72 mil toneladas de maçã, volume 48% superior ao do mesmo período de 2011 – dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). O crescimento dos embarques esteve atrelado à boa qualidade da fruta nacional e aos baixos estoques europeus de gala e de fuji. Vale lembrar que as exportações brasileiras são mais concentradas no primeiro semestre, uma vez que a safra

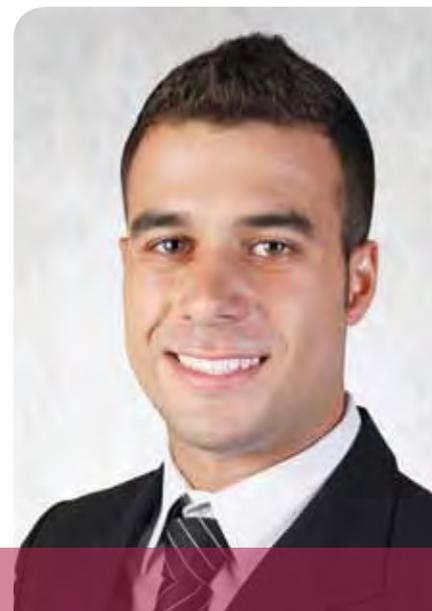
ADA E DE QUALIDADE, VALORIZA EM 2012

dos países do Hemisfério Norte, principais compradores da fruta, inicia na segunda metade do ano. Já o volume importado pelo Brasil de janeiro a outubro reduziu 40% frente ao mesmo período de 2011. Adversidades climáticas enfrentadas por produtores argentinos, questões fitossanitárias e a interrupção de licenças automáticas são fatores que reduziram as importações brasileiras. Diante das dificuldades da importação na Argentina, o Brasil adquiriu mais fruta do Chile e da Itália, mas não de forma tão intensa para que o volume total superasse o comprado em 2011. Para o próximo ano, os desempenhos das exportações e importações brasileiras ainda são incertos, mas os envios podem ser favorecidos pela queda nos estoques europeus.

Geadas de setembro pode limitar volume colhido em 12/13

O clima esteve favorável ao longo da maior parte do período de desenvolvimento da maçã neste ano. Durante a fase de dormência é que produtores registraram leve queda nas Unidades de Frio, mas esse fato teve pouco efeito no

desempenho da safra. Um fato que gera receio é que produtores das regiões de Fraiburgo e São Joaquim (SC) foram surpreendidos pela queda nas temperaturas no final de setembro e também pelas geadas. Na região serrana, os pomares foram atingidos pela geada negra, que causa a queima interna das flores que estão com as pétalas abertas. Ainda que agentes do setor não saibam dimensionar o efeito dos danos, muitos já acreditam em redução na produção nestas regiões. As perdas podem não ser tão graves em São Joaquim, visto que por ser uma região mais fria, a colheita é tardia. Assim, os prejuízos devem ser maiores para a variedade gala, que é colhida antes da fuji. As macieiras que registraram maiores perdas foram aquelas onde ocorreu a quebra de dormência antecipada. Em relação à Vacaria (RS), esta foi a menos afetada. Quanto à safra da variedade precoce eva, as primeiras atividades de colheita iniciam em dezembro. Uma florada abundante e um bom pegamento dos frutos devem elevar a produção desta variedade em 2012. Com a extensão da oferta de gala e fuji, a maçã eva deve competir com estas outras variedades no mercado doméstico.



Guilherme Ramalho dos Santos é analista de mercado de maçã.

Entre em contato:
hfmaca@usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAÇÃ*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são consideradas as principais referências de mercado.

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha)		
		2012 (a)	2013 (b)	Varição %
Vacaria (RS)	Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões	10.250	10.250	0%
Fraiburgo (SC)	Fraiburgo, Água Doce, Lebon Régis, Monte Carlo, Tangará, Rio das Antas e Santa Cecília	6.500	6.100	-6,2%
São Joaquim (SC)	São Joaquim, Lages, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Paineira, Bom Jardim da Serra, Bocaina do Sul, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Rio Rufino	10.200	10.200	0%

(a) Safra 2011/12
(b) Safra 2012/13

Fonte: Agentes de mercado, ABPM, AMAP e Agapomi.

Números da manga em 2012

94,38
mil t

Exportadas
de janeiro a outubro/12

-18,8%

Redução de área em Livramento de Nossa Senhora (BA) (entre 2011 e 2012)

+95%

Preço de venda acima do custo médio da *tommy* no Vale do São Francisco (janeiro-novembro/12)

+46,5%

Valorização da *palmer* no Norte de MG no segundo semestre de 2012 frente ao mesmo período de 2011

Preço no pico de safra é o maior dos últimos três anos no Vale

Em 2012, a área nacional de manga teve redução de 5% em relação a 2011, e a produtividade também recuou em importantes regiões produtoras. Nesse cenário, os preços estiveram elevados até mesmo no pico de safra do Nordeste. Os recuos mais expressivos na área foram registrados em Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio (BA) e no Norte de Minas Gerais. Já a produtividade foi limitada pela forte seca nas praças baianas e pelas temperaturas elevadas no Vale do São Francisco entre abril e maio, principal período de floração. O pico de safra em Livramento e no Vale ocorreu de setembro a outubro, como normalmente ocorre. Nesses dois meses, a *tommy atkins* do Vale teve média de R\$ 0,71/kg, a maior dos últimos três anos. Para mangicultores do Vale, os preços mais elevados resultaram em rentabilidade positiva, uma vez que a produtividade esteve satisfatória. Já em Livramento de Nossa Senhora/Dom Basílio, a estiagem reduziu a produtividade e o calibre da fruta, limitando os ganhos do produtor. Para 2013, a expectativa é de área nacional praticamente estável. Isso porque, apesar de ser esperada redução de área em Livramento, essa queda deve ser compensada pelo aumento nas demais regiões produtoras.

Vale do São Francisco tem cotações em patamares elevados

Neste ano, o volume de manga ofertado no mercado doméstico foi menor em outubro, apesar do pico de safra. Assim, mangicultores do Vale do São Francisco registraram cotações mais atrativas em relação aos últimos anos. No acumulado do ano (janeiro a novembro), a *tommy* teve média de R\$ 0,8/kg, sen-

MENOR OFERTA PREÇOS

do 94,6% superior ao valor estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. A maior capitalização de produtores com a manga pode estimular o aumento de área em 2013, principalmente no perímetro privado.

Exportações brasileiras estáveis em 2012

O desempenho dos embarques brasileiros de manga para a União Europeia de janeiro a junho deste ano foi 3,4% maior em comparação com o primeiro semestre de 2011. O principal motivo foram os menores envios da Costa do Marfim, importante concorrente do Brasil no período. Já no acumulado do ano (janeiro a outubro), as exportações seguiram praticamente estáveis em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando 94,38 mil toneladas. O principal fator que limitou o desempenho dos embarques no período de safra do Vale do São Francisco foi a oferta reduzida no Nordeste, que resultou em preços atrativos no mercado doméstico. Para 2013, as expectativas para os envios são otimistas. O Vale do São Francisco, principal polo exportador de manga, continua investindo em tecnologias para aumentar a qualidade da fruta e em troca de variedades para dispor de *palmer* para exportação.

Área recua mais de 18% na BA com clima seco

A seca tem sido registrada em Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio (BA) desde o final de 2010. Em 2012, o nível da barragem da região esteve muito abaixo do normal e, no início de novembro, a irrigação para a mangicultura foi cortada por tempo indeterminado. Durante este ano, a deficiência hídrica do solo, principalmente na cidade de Dom Basílio, resultou na redução de 3 mil hectares. Assim, a queda na área foi de

NACIONAL ELEVA EM 2012

18,8% em relação a 2011. Como consequência, os preços obtidos por mangicultores baianos foram maiores neste ano, porém, não necessariamente resultaram em maior rentabilidade, visto que houve perdas significativas de produtividade. Um fator que limitou as perdas monetárias foi a redução de gastos com defensivos na região, favorecida justamente pelo clima seco. Produtores aguardam o período de chuva para preparar a safra do ano que vem. Em 2013, a área deve ter nova redução, visto que os frequentes problemas climáticos desestimulam produtores a investir na cultura.

Produtor do Norte de MG tem boa rentabilidade

As condições de mercado e de rentabilidade no Norte de Minas Gerais foram boas durante 2012. No segundo semestre deste ano, a *palmer*, principal variedade colhida em MG, teve valorização de 46,5% frente ao mesmo período de 2011. Para a *tommy*, as cotações também estiveram mais elevadas neste ano. O norte mineiro conta com tecnologia de irrigação, o que possibilita a colheita de forma mais escalonada. Além disso, a praça tem se beneficiado por direcionar boa parte da manga para locais pouco explorados pelo Vale do São Francisco e Li-

vramento de Nossa Senhora (BA), como, por exemplo, Belo Horizonte e Uberlândia (MG). Com bons resultados em 2012, a expectativa inicial para 2013 é de incremento da área cultivada na região.

Oferta de Monte Alto e Taquaritinga deve ser menor no final de 2012

Os preços recebidos por produtores de Monte Alto e Taquaritinga (SP) na safra 2011/12 foram maiores em comparação com a temporada anterior. Para a safra 2012/13, que começou em novembro e se estende até março/13, as expectativas de agentes consultados pelo Cepea quanto aos preços também são positivas. Assim como em 2011, a região paulista pode ser favorecida pelo menor volume ofertado por outras regiões. Além disso, em 2012/13, a disponibilidade, sobretudo de *tommy*, também tem sido menor na região paulista. Isso porque as temperaturas acima do normal em junho e julho prejudicaram a primeira floração dessa variedade. Quanto à *palmer*, seu processo de floração foi adequado, e bons volumes da fruta devem ser colhidos a partir de dezembro. Pode ocorrer novo aumento de área em 2013, decorrente da menor remuneração de outras culturas, como citros e goiaba.



Ana Beatriz Fernandes Barboza é analista do mercado de manga.

Entre em contato: hfmanga@usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MANGA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011	2012	Variação
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) ¹	Petrolina e Juazeiro	22.600	23.261	2,9%
Livramento de Nossa Senhora (BA)	Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio	16.000	13.000	-18,8%
Monte Alto e Taquaritinga (SP) ²	Monte Alto, Vista Alegre do Alto, Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Fernando Prestes, Taiacu e Itápolis	7.110	7.191	1,1%
Jaíba e Janaúba (MG)	Jaíba, Janaúba e Montes Claros	5.300	5.000	-5,7%

¹ Os dados referentes ao plantio em Petrolina e Juazeiro consideram a área pública do perímetro irrigado do Codevasf e a área privada.

² Áreas obtidas considerando uma densidade de 40 m²/árvore para pés novos e 50 m² por árvore para pés em produção.

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

2012: BAIXA OF GARANTE BONS PRE

Números do mamão em 2012

R\$ **2,13** /kg

Maior preço médio mensal do havaí, em termos nominais, desde 2001, no Sul da Bahia (março)

9,3%

Redução de área em 2012 frente a 2011

10%

Queda no volume exportado entre 2011 e 2012 (janeiro-outubro)

+53,6%

Valorização do formosa no Espírito Santo entre 2011 e 2012 (janeiro-novembro)

Recuo na área leva a preços recordes em 2012

Devido aos baixos preços e consequente rentabilidade negativa em 2010 e 2011, as lavouras de mamão não têm sido renovadas. Assim, em 2012, a área cultivada com mamão reduziu 9,3% frente a 2011, totalizando 16,8 mil hectares – o recuo mais significativo, de 20%, foi registrado na Bahia, enquanto no Espírito Santo houve queda de 0,7%. O baixo volume colhido, em função da redução de área, beneficiou produtores com cotações elevadas. Neste ano, o mamão havaí tem apresentado melhor rentabilidade por caixa ao produtor em relação ao formosa – ao contrário do ano passado, quando o formosa foi mais rentável. Em março, o preço médio do havaí no Sul da Bahia foi de R\$ 2,13/kg, o maior já registrado na região, em termos nominais. No Espírito Santo, o formosa também registrou alta: 53,6% entre janeiro e novembro deste ano frente ao mesmo período de 2011. Com os preços elevados desde o início do ano, produtores se capitalizaram e investiram na renovação de áreas mais antigas a partir de junho/julho. Assim, para 2013, é esperado aumento de oferta a partir de março e, caso o clima seja favorável ao cultivo, os preços podem não repetir os recordes verificados em 2012.

Produtores da BA e ES atentos ao mosaico

Neste ano, o vírus do mosaico foi registrado com mais frequência no Espírito Santo e no Sul da Bahia, regiões que respondem por 80% da produção brasileira de mamão. A doença é a mais severa da cultura, pois os pés infectados devem ser erradicados. Estimativas da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Papaya (Brapex) indicam que, quando a erradicação é devidamente

praticada, antes da disseminação da doença, produtores perdem apenas 2% da produção. Porém, mamonicultores continuam relutantes em realizar o *roguing* – eliminação da planta. Dessa forma, sem o controle adequado, os prejuízos com a infestação do mosaico têm sido maiores. Segundo estimativas da Brapex, as perdas nas lavouras devido ao mosaico estão entre 25% e 30% neste ano, em média, sendo que alguns produtores chegaram a perder lavouras inteiras. Além disso, a colheita entre novembro/12 e março/13 no Espírito Santo pode ser 40% menor em relação ao mesmo período anterior. Para tentar controlar a doença que vem reduzindo a produção nacional, produtores participaram de uma reunião em novembro na Bahia, junto à Brapex e a representantes do governo baiano e também do Espírito Santo e Minas Gerais.

RN se torna mais competitivo com bons preços e melhor qualidade

O clima quente e com pouca chuva no Rio Grande do Norte durante quase todo o ano foi favorável à produção de mamão, garantindo boa qualidade. Tanto o mamão havaí quanto o formosa registraram os maiores preços, em termos nominais, desde 2007, quando o Cepea iniciou a coleta de dados na região. Boa parte da produção potiguar é comercializada no próprio estado. Contudo, neste ano, produtores de formosa têm expandido a comercialização para outros centros consumidores, como São Paulo. A boa qualidade e os preços menores em relação aos de outras regiões produtoras têm garantido boas vendas da fruta do Rio Grande do Norte, apesar da distância. Dessa forma, o mamão havaí registrou alta de 32,6% entre janeiro e novembro em relação ao mesmo período de 2011. Quanto à variedade formosa, a valorização foi de 2,4% na

ERTA NACIONAL ÇOS AO PRODUTOR

mesma comparação. Mesmo com o cenário altista em 2012, mamoneiros potiguares estão cautelosos com grandes investimentos em área. Isso porque há previsão de aumento da oferta principalmente a partir do segundo trimestre de 2013 e também receio de produtores quanto à maior incidência de mosaico.

Seca prolongada em MG diminui qualidade

A forte estiagem entre março e outubro deste ano no Norte de Minas Gerais prejudicou a qualidade do formosa, principal variedade cultivada na região. Com clima quente e seco, a incidência de manchas fisiológicas aumentou. Além disso, o nível de água das barragens diminuiu, o que preocupou produtores quanto à prática de irrigação. Com a baixa oferta interna, a qualidade foi fator limitante para o avanço das cotações do formosa. Somente produtores que tinham frutas de melhor qualidade conseguiram bons preços. Com o retorno das chuvas no início de novembro, a qualidade dos frutos registrou melhora. Sem previsão de aumento significativo da oferta até o final de 2012, as cotações podem encerrar o ano em patamares elevados.

Mercado interno é mais vantajoso que externo em 2012

A baixa oferta doméstica de mamão neste ano interferiu nas exportações. De janeiro a outubro, a redução foi de 10% nos embarques frente ao mesmo período de 2011, totalizando 21,8 mil toneladas, segundo a Secex (Secretaria de Comércio Exterior). Com os bons preços do mamão havia e formosa no mercado doméstico, foi mais vantajoso para o produtor comercializar a fruta no Brasil do que exportar. Além disso, a baixa qualidade do mamão não atendeu a exigência do consumidor estrangeiro. Contudo, analisando-se a receita obtida com as exportações, a queda foi de 7%, menor que o recuo em volume, com total de US\$ 30,3 milhões de janeiro a outubro. Isso mostra que o mamão brasileiro também obteve melhor desempenho no mercado internacional em comparação com 2011. Como normalmente a qualidade do mamão é superior no primeiro semestre frente ao segundo por conta do clima mais favorável à produção, os embarques da fruta podem aumentar no início de 2013.



Karina Yukie Shinoda
é analista de mercado de mamão.
Entre em contato:
hfmamao@usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAMÃO*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011	2012	Variação %
Espírito Santo	Região de Pinheiros (Montanha, Pedro Canário e Boa Esperança) e Linhares (Sooretama, Rio Bananal e Jaguaré)	3.525	3.500	-0,7%
Oeste da Bahia	Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa e São Felix do Coribe	1.900	1.800	-5,3%
Sul da Bahia	Teixeira de Freitas, Nova Viçosa, Itabela, Prado, Porto Seguro, Vereda, Itamarajú, Belmonte, Caravelas, Alcobaça, Mucuri, Eunápolis, Ibirapuã e Santa Cruz Cabralia	10.000	8.000	-20%
Rio Grande do Norte	Mossoró e faixa de São José de Mipibu a Touros	1.900	2.000	5,3%
Norte de Minas	Janaúba, Jaíba e Montes Claros	1.200	1.500	25%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

SETOR REGISTRA, NOVAM BOM DESEMPENHO EM

Números da banana em 2012

+14%

Aumento dos gastos com a produção da nanica no Vale do Ribeira em 2012

+30%

Alta na rentabilidade por caixa em 2012 (até nov) frente ao mesmo período de 2011 no Norte de MG

-36%

Menos chuvas em Janaúba (janeiro a novembro)

-30%

Queda nos embarques à União Europeia de janeiro-outubro/12 frente ao mesmo período de 2011

Área segue estável em 2012, mesmo com bom desempenho do setor

A área destinada à bananicultura aumentou apenas 0,2% em 2012 frente ao ano anterior. Este aumento está relacionado apenas ao incremento de 150 hectares na região do Rio Grande do Norte e Ceará, que somou 5.850 hectares na temporada de 2012 – exportadores pretendem elevar o volume de banana enviado à União Europeia em 2013. A estabilidade da área resultou em uma oferta mais controlada da fruta no mercado interno, o que manteve os preços atrativos aos produtores. Assim, novamente em 2012, o setor obteve bom desempenho. Para 2013, a área destinada à cultura deve continuar estável, mas há investimentos em bons tratamentos culturais para ganho de produtividade.

Gastos aumentam no Vale, mas setor ainda mantém margem positiva

Os gastos por unidade de comercialização com a produção de banana no Vale do Ribeira (SP) aumentaram 14% para a nanica e 2% para a prata em 2012 (até novembro) frente ao mesmo período de 2011. Isso ocorreu porque as enchentes que atingiram a região em 2011 exigiram novos investimentos na cultura, a fim de se manter a produtividade média dos bananais paulistas – de 32 t/ha para a nanica e de 20 t/ha para a prata. A mão de obra foi outro item que onerou a produção de banana. Apesar do aumento nos gastos em 2012, os preços da fruta estiveram elevados durante a maior parte do ano, devido ao maior escalonamento da safra. Apesar dos ganhos, a área cultivada seguiu estável neste ano, e deve permanecer nos mesmos 25 mil hectares durante 2013. A expectativa é de que o

novo Código Florestal não tenha impacto na produção do Vale do Ribeira (e também do Norte de Santa Catarina). Isso porque os critérios com relação às encostas podem ser relativamente flexíveis no caso de bananais já existentes.

Rentabilidade deve fechar positiva em SC

O desempenho obtido com a banana no Norte de Santa Catarina em 2012 foi também favorável aos produtores. Durante todo o ano, a oferta da fruta foi mais escalonada, elevando os valores da nanica. O excesso de oferta na região entre agosto e novembro, no entanto, pressionou as cotações, chegando a ficar abaixo do custo. Mesmo assim, a margem de rentabilidade deve encerrar positiva em 2012. Para o primeiro semestre de 2013, agentes acreditam que a oferta deve seguir escalonada, valorizando a banana catarinense.

Apesar de forte seca no Norte de MG e na BA, margem é positiva

As regiões de Bom Jesus da Lapa (BA) e do Norte de Minas Gerais registraram seca prolongada neste ano, o que levou ao racionamento de água para a irrigação nessas praças. De janeiro a novembro, choveu na praça baiana 1.246 mm (-25%) a menos que no mesmo período do ano passado e, em Janaúba (MG), 467 mm (-36%) a menos, segundo a Tempo Agora. Apesar de as precipitações terem diminuído expressivamente, a produtividade se manteve, no geral, estável, sobretudo para a prata. Quanto à rentabilidade, os preços foram elevados durante o primeiro semestre de 2012, devido ao escalonamento da oferta. No Norte de Minas, entre janeiro e setembro/12, a rentabilidade foi 95% maior para produtores frente ao mesmo período em 2011. Nos últimos meses do

ENTE, 2012

ano, no entanto, os preços das duas variedades caíram, devido ao pico de oferta no mercado nacional. A expectativa para o primeiro semestre de 2013 é de que o clima volte a se normalizar, com chuvas mais frequentes e menores período de seca.

Exportações reduzem novamente em 2012

As exportações brasileiras de banana diminuíram significativamente em 2012. Entre janeiro e outubro de 2012, o Brasil exportou 76 mil toneladas de banana, volume 30% inferior ao do mesmo período de 2011, segundo a Secex. Deste volume, 56% foi destinado à União Européia e 43%, ao Mercosul. A redução está relacionada à melhor distribuição da oferta brasileira, que torna o mercado interno ainda mais favorável. Além disso, houve problemas relacionados à logística e à greve de fiscais agropecuários no caso do Mercosul. A receita total com as



Amanda Jéssica da Silva e Ednaldo Alexandre Borgato são analistas de mercado de banana.

Entre em contato: hfbanana@usp.br



exportações, por sua vez, somou US\$ 29 milhões de janeiro a outubro, queda de 25% frente ao mesmo período de 2011. Para 2013, a previsão inicial é de que as exportações sejam relativamente firmes, devido ao câmbio favorável e a problemas de transporte já solucionados.

Estatística de Produção - Banana*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2011	2012	Variação
Vale do Ribeira - Registro (SP) ¹	Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariqueira-Açu, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras	25.000	25.000	0%
Norte de Minas Gerais ²	Norte de Minas Gerais	11.823	11.823	0%
Norte de Santa Catarina ³	Barra Velha, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, Luiz Alves, Massaranduba, São João do Itaperiú, Schroeder e São Francisco do Sul	20.084	20.084	0%
Bom Jesus da Lapa (BA)	Bom Jesus da Lapa, Mirorós, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Ceraíma e Santa Maria da Vitória, Barreiras Norte, Barreiras Sul,	5.725	5.725	0%
Rio Grande do Norte e Ceará	Pólo exportador do Vale do Açu: Natal e Ipangaçu e Ceará: Limoeiro do Norte	5.850	5.850	0%

Fontes: Café, Registro/SP, Abanorte, Epagri, Coofrulapa e agentes de mercado consultados pelo Cepea.

¹ Os dados referem-se à área cultivada com média e alta tecnologia, características específicas do Vale do Ribeira (SP).

² Águas Vermelhas, Berizal, Capitão Enéas, Catuti, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Engenheiro Navarro, Espinosa, Francisco Dumont, Francisco Sá, Gameleiras, Itacarambi, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteira, Novo Horizonte, Pedras de Maria da Cruz, Porteira, Riacho dos Machados, Rubelita, Salinas, Santo Antônio do Retiro, São Francisco, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João das Missões, Varzelândia e Verdelândia.

³ Em julho de 2011, houve uma alteração na amostragem da área de banana da região do Norte de Santa Catarina, onde passou-se a considerar áreas de baixa tecnificação. O ajuste amostral também foi feito na área de 2011 para ser possível uma comparação entre os últimos anos.

Números da uva em 2012

43

Mil toneladas de uva exportadas
(de jan a out/12)

3%

Aumento das importações
no 1º semestre frente ao mesmo período de 2011

134%

Preço da niagara
acima do mínimo na safra de 2012 de Jales

+8%

Alta da produtividade na safra de Jales (SP) em 2011

ANO DE 2011 RESULTADO POSI

Vale registra resultados positivos durante todo o ano

Os preços da uva recebidos pelos produtores do Vale do São Francisco estiveram em patamares elevados no correr de 2012, sustentados pela demanda firme, principalmente por parte do consumidor brasileiro. No primeiro semestre, a oferta do Vale foi restrita, como geralmente ocorre, e a maior parte dos lotes de uva foi destinada ao mercado nordestino. Já na segunda metade do ano, os principais destinos da fruta foram o Sul e Sudeste do Brasil e também o mercado internacional. No caso das uvas sem sementes, produtores aumentaram o volume comercializado no mercado doméstico. A comercialização de uva sem sementes ao exterior também foi satisfatória. Porém, é nas variedades com sementes que produtores têm centrado os investimentos. O objetivo de viticultores nordestinos é reduzir os custos, seja por meio de aumento da produtividade ou pela diminuição da ociosidade da mão de obra, ao implantar variedades que possam ser colhidas duas vezes ao ano. Assim, a área de uva no Vale do São Francisco se manteve em 11,5 mil hectares em 2012, mas tem havido substituição de variedades sem semente tradicionais pelas com sementes, além da implantação e adaptação de novas variedades trazidas da Califórnia (EUA) e da África do Sul.

Venda no Brasil é priorizada e volume exportado reduz em 2012

Na temporada do Vale do São Francisco, produtores adiantaram as podas para antecipar a colheita e destinar mais uva ao mercado interno, devido ao bom desempenho obtido em 2011. Dessa forma, o volume de uva disponível para exportação diminuiu, resultan-

do em quantidade embarcada 18,6% menor de janeiro a outubro frente ao mesmo período de 2011, segundo dados da Secex. Os preços recebidos pela venda da fruta no mercado externo, por sua vez, foram satisfatórios, favorecidos também pelo câmbio. Apesar do recuo no volume embarcado, a demanda pela fruta brasileira esteve aquecida na Europa e nos EUA, principais importadores. A uva nacional entrou na Europa em setembro, concorrendo com as frutas do próprio continente. No entanto, o clima mais quente que o normal prejudicou a qualidade da uva europeia. Além disso, países como Espanha e Itália têm reduzido a produção desde 2009, em função da crise econômica. Quanto aos envios da uva nacional aos EUA, iniciaram em outubro, quando a fruta da Califórnia ainda estava sendo comercializada. Porém, a rentabilidade obtida pelos brasileiros não foi muito afetada pela coincidência de safra, já que ambos os países diminuíram o volume ofertado frente à safra passada. A colheita de uvas de mesa da Califórnia (EUA) deve totalizar 907,19 mil toneladas, volume 3% inferior ao da temporada 2011, de acordo com o relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgado em setembro.

Importação aumenta levemente no primeiro semestre

Entre janeiro e junho deste ano, principal período de importação de uva, o Brasil comprou 30,9 mil toneladas da fruta, pequeno aumento de 3% em relação ao mesmo período de 2011, de acordo com dados da Secex. Vale lembrar que, no primeiro semestre do ano passado, as importações haviam crescido expressivos 34% frente ao mesmo período de 2010. O que limitou o incremento das importações em 2012 foi a redução de

FECHA COM TIVO AO SETOR

27% na entrada de uva da Argentina no primeiro semestre sobre o mesmo período de 2011. Isso ocorreu devido à proibição da entrada da fruta do país vizinho no Brasil, em decorrência de uma praga quarentenária, denominada como ácaro *Brevipalpus chilensis*, encontrada em carga argentina. Já as compras do Brasil no Chile aumentaram 24% no primeiro semestre deste ano. Esse forte aumento esteve atrelado ao redirecionamento da fruta chilena – que seria enviada aos mercados europeu e norte-americano – ao Brasil, por conta de problemas de qualidade da thompson.

Pirapora e Jales encerram safra com rentabilidade elevada

A viticultura em Pirapora e em Jales apresentou bons resultados em 2012. Em Pirapora, os ganhos foram ainda maiores que os da região paulista, já que a fruta é comercializada embalada e, portanto, com valor agregado. Em Pirapora (MG), a safra de 2012 iniciou em junho com a colheita de uvas finas e, em julho, com a niagara. A oferta na região mineira neste ano foi, no geral, mais escalonada, embora um volume um pouco maior tenha sido disponibilizado em setembro. A colheita foi encerrada no final de outubro, já que o calor acelerou a maturação dos frutos. O clima seco durante o primeiro semestre em Pirapora facilitou a condução das podas, de modo que a produtividade foi de 33 t/ha para uvas finas (entre junho e setembro) e de 22 t/ha para niagara (entre julho e setembro). Para 2013, a atual área da região de Pirapora, que é de 162 hectares, pode aumentar. Além da rentabilidade satisfatória obtida em 2012, parte dos produtores mineiros pretende recuperar o cultivo de uva que havia sido interrompido nos últimos anos. Quanto à região de Jales (SP), a fruta foi

disponibilizada a partir de julho, com o pico de safra entre o final de agosto e início de setembro, e a colheita encerrada em novembro. A produtividade da temporada (de julho a outubro) atingiu 21 t/ha para a niagara – inferior ao potencial produtivo da região, que é de 25 t/ha – e 31 t/ha para as uvas finas – o potencial é de 30 t/ha. Em relação à qualidade, parte dos lotes de Jales, sobretudo de niagara, foi prejudicada pela estiagem verificada entre julho e meados de setembro. Em outubro, mesmo com o retorno das chuvas, muitos cachos da praça paulista ainda estavam murchos. Apesar disso, os preços da niagara ainda estiveram 134% superiores ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. A expectativa de produtores de Jales é de que a área se mantenha praticamente estável no próximo ano – em 2012, a área foi estimada em 804 hectares.

Produtores de São Miguel Arcanjo iniciam safra de final de ano

A próxima safra de São Miguel Arcanjo (SP), que iniciará no final de dezembro, deve ter produtividade parecida com as últimas, em torno de 25 t/ha para uvas finas e de 15 a 20 t/ha para niagara. Mesmo com considerável volume a ser colhido, a oferta deve ser escalonada, o que deve manter os preços em patamares satisfatórios, principalmente em dezembro, quando a fruta normalmente é valorizada devido às festas natalinas. Nas últimas safras, produtores obtiveram rentabilidade positiva e estão conseguindo se capitalizar, porém a escassez de mão de obra é um fator limitante para novos investimentos em área, que em 2012 totalizou 2.050 hectares. Os investimentos que estão ocorrendo são as reformas nas parreiras mais antigas e na adoção do sistema “Y” para a



Isabella Lourencini e Aline Fernanda Soares são analistas de mercado de uva. Entre em contato: [hfuv@usp.br](mailto:hfuva@usp.br)



niagara, visando obter maior produtividade – porém, a área com este sistema ainda é pequena.

Produtores de Campinas a todo vapor para colheita de final de ano

A temporada de uvas de final de ano da região de Campinas (SP) iniciou em novembro, com um maior número de produtores colhendo nesses últimos dois meses de 2012 em relação à safra temporária de meados do ano. Vale lembrar que a demanda nesse período geralmente é mais aquecida, devido às festas. No entanto, no início de dezembro, uma forte chuva de granizo atingiu o município de Jundiá, prejudicando parte das lavouras. Até o fechamento dessa edição, ainda não havia uma estimativa concreta sobre a dimensão das perdas. Quanto à temporada, a safra de 2012 iniciou na última semana de março, com a oferta aumentando

apenas a partir de meados de abril, e a colheita encerrada em junho. A produtividade na região de Campinas foi de 11,5 t/ha na média da temporada, abaixo do potencial, que é de 15 t/ha. Nesse período (de março a julho), a niagara teve média de R\$ 3,06/kg, valor 71% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Com a pressão imobiliária e falta de mão de obra, os resultados positivos na temporada 2011/12 não foram suficientes para motivar expansões de área, que foi de 4.503 hectares em 2012.

Safra de fim de ano no PR será determinante para investimentos

Produtores de uva do Paraná ainda não se decidiram sobre investimentos na próxima safra. Como a última temporada paranaense apresentou rentabilidade muito baixa em algumas praças e

negativas em outras, viticultores estão à espera dos resultados da safra de final de ano para investir ou não em novas áreas – o preço médio da uva itália negociada no Norte do PR, por exemplo, ficou 8% abaixo do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos. A temporada de final de ano, que iniciou em novembro, somou 6.180 hectares, com o cultivo de uvas finas nas regiões de Maringá e do Norte do Paraná e de niagara em Rosário do Ivaí. Mesmo que as vendas sejam satisfatórias neste final de ano, o aumento de área da próxima temporada pode ser limitado pela dificuldade de mão de obra, que, além de escassa, está cara. Por isso, nos próximos anos, alguns produtores devem trocar o cultivo de variedades, pelas que exigem menos tratamentos culturais. Alguns viticultores já analisam a produção de variedades rústica tanto para consumo de mesa (niagara) quanto para a indústria (isabel) no lugar das tradicionais finas.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - UVA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

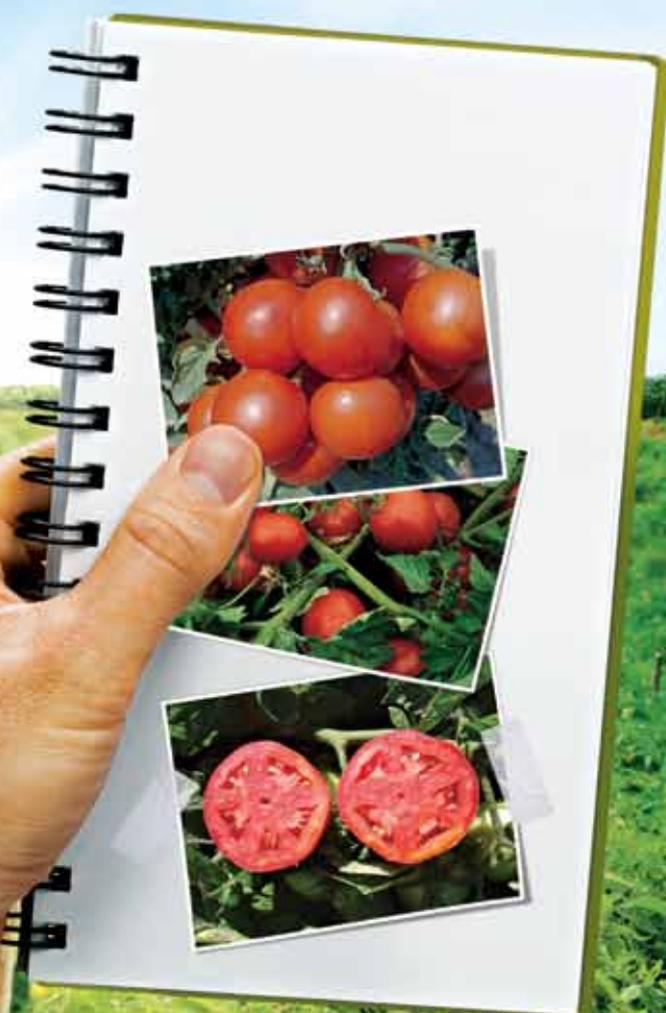
Região	Praças de Coleta	Variedade	Fonte	Área plantada (ha)		
				2011	2012	Varição %
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)	Petrolina e Juazeiro	uva fina	Agentes de mercado e Valexport ¹	11.500	11.500	0%
Pirapora (MG)	Pirapora, Várzea da Palma, Buritizeiro e Lassance	uva fina e uva rústica	Cooperativa Agrícola de Pirapora e Associação dos Usuários do Perímetro de Pirapora (Auppi)	162	162	0%
Jales (SP)	Jales, Palmeira D'Oeste, Urânia e São Francisco	uva fina e uva rústica	Cati de Jales	798	804	0,8%
Pilar do Sul (SP)	Pilar do Sul	uva fina e uva rústica	Casa da Agricultura de Pilar do Sul	650	650	0%
São Miguel Arcanjo (SP)	São Miguel Arcanjo	uva fina e uva rústica	Casa da Agricultura de São Miguel Arcanjo	2.050	2.050	0%
Louveira (SP)	Louveira, Indaiatuba, Jundiá, Campinas, Itupeva, Elias Fausto, Vinhedo, Itatiba, Monte Mor, Valinhos e Jarinu	uva fina e uva rústica	Cati de Campinas	4.503	4.503	0%
Porto Feliz (SP)	Porto Feliz	uva fina e uva rústica	Casa da Agricultura de Porto Feliz	465	465	0%
Paraná	Região de Maringá - 29 municípios, incluindo Marialva, região de Cornélio Procópio e de Ivaiporã	uva fina e uva rústica	Emater, Seab e Deral	6.180	6.180	0%
Região de Maringá (PR)	Marialva	uva fina e uva rústica	Emater, Seab e Deral	1.720	1.720	0%
Região de Cornélio Procópio (PR)	Uraí, Assaí e Bandeirantes	uva fina e uva rústica	Emater, Seab e Deral	900	900	0%
Região de Ivaiporã (PR)	Rosário do Ivaí	uva rústica	Emater, Seab, Deral e Apri	160	160	0%

¹ Associação dos Produtores e Exportadores do Vale do São Francisco.

**Não importa se
é broca-pequena
ou traça. Controlar
lagartas ficou
fácil com Belt.**



BELT



Belt, no controle das lagartas.

Não perca tempo identificando lagartas. Belt é o inseticida que apresenta excelente desempenho contra lagartas de difícil controle e seletividade aos inimigos naturais. Além disso, Belt possui novo modo de ação e ingrediente ativo indicado para o Manejo Integrado de Pragas (MIP). Seja na cultura de tomate, algodão, soja ou milho, lagarta é lagarta e precisa ser controlada.

Belt. Controlar lagartas ficou fácil.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO



Converse Bayer
0800.011.5560



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.

DOW AGROSCIENCES PROTEÇÃO DE PONTA A PONTA

www.dowagro.com.br



Pulsor[®] 240 SC
FUNGICIDA

Dithane[®] NT
FUNGICIDA

Curathane[®] SC
FUNGICIDA

Sabre[®]
INSETICIDA

Lorsban[®] 480 BR
INSETICIDA

Intrepid[®] 240 SC
INSETICIDA

Tairel[®] M

Platinum NEO

Ellect

A Dow AgroSciences apresenta sua linha de produtos para proteção das lavouras de Hortifruti.

São diversas soluções, para múltiplas culturas, que protegem sua produção de ponta a pontal

www.dowagro.com.br
0800 772 2492

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMO.



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento[®]